

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

A RACIALIZAÇÃO DO DESEJO NO *GRINDR*:
táticas de comunicabilidade da negritude na construção de perfis

PORTO ALEGRE

2019

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

A RACIALIZAÇÃO DO DESEJO NO *GRINDR*:

táticas de comunicabilidade da negritude na construção de perfis

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dra. Nilda Aparecida Jacks.

Coorientador: Ms. Guilherme Barbacovi Libardi.

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Castro, Luiz Henrique Silva de
A RACIALIZAÇÃO DO DESEJO NO GRINDR: táticas de comunicabilidade da negritude na construção de perfis / Luiz Henrique Silva de Castro. -- 2019.
103 f.
Orientadora: Nilda Aparecida Jacks.

Coorientador: Guilherme Barbacovi Libardi.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Grindr. 2. Mídia social. 3. Negritude. 4. Racialização. 5. Gay. I. Jacks, Nilda Aparecida, orient. II. Libardi, Guilherme Barbacovi, coorient. III. Título.

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

A RACIALIZAÇÃO DO DESEJO NO *GRINDR*:

táticas de comunicabilidade da negritude na construção de perfis

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 17 de dezembro de 2019.

Conceito:

Prof.^a Dr.^a Nilda Jacks – UFRGS/DECOM
Orientadora

Prof. Ms. Guilherme Barbacovi Libardi – UFRGS/DECOM
Coorientador

Prof.^a Dr.^a Mônica Pieniz – UFRGS/DECOM
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug Wottrich – UFRGS/DECOM
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por sempre se fazer presente em todos os momentos da minha vida. Foi com ela que eu aprendi a lutar pelos meus sonhos. E à minha pequenina irmã, Sara, que me faz querer um mundo melhor todos os dias.

Aos meus amigos, por ressignificarem comigo o conceito de família, principalmente à Rafaela, Jéssica, Fernanda, Jeferson, Natália, Alessandra, Julia e Sofia. Aos colegas que fizeram o meu período de graduação ser lindo: Vitor, Hillary, Francine, Samara, Caroline C., Giovana, Caroline B., Victor, Glauber, Samantha e Yohana.

A uma amiga meio coruja, Paula, gratidão por todo o amparo e por ter me ajudado a viver o momento mais especial da minha vida, disso eu nunca vou me esquecer. Às “humanas” que fizeram parte deste momento e que tornaram-o ainda mais especial: Natália, Beatris, Larissa, Jacqueline e Camila.

Égua, aos meus amigos paraenses (e uma nordestina), pois o que a academia uniu, nada nem ninguém separa, repare: Felipe, Lorena, Weverton e Nayara.

Aos meus amigos da Casa do Estudante: Vanise, Thais e Tais.

Aos meus colegas de trabalho, que são pessoas que eu já levei para a vida, por me inspirarem tanto na minha trajetória profissional: Vinicius, Nathalia, Carlos e Anie.

Às professoras Laura Wottrich e Mônica Pieniz, pelas conversas e conselhos importantes, e, é claro, por aceitarem compor a banca deste trabalho.

À professora Nilda Jacks, que tanto me inspirou e que me fez um aprendiz de pesquisador. Obrigado por acreditar em mim desde o início da graduação, conviver com você fez toda a diferença na minha trajetória acadêmica e profissional.

Ao meu coorientador e melhor amigo, Guilherme, que eu tanto admiro, você me ajudou a potencializar os meus sonhos e eu estou muito feliz por você fazer parte de mais um momento tão especial na minha vida.

Aos entrevistados, que compartilharam comigo suas histórias e aspirações.

E, por fim, Caroline e Fabiane, vocês me ajudaram a perceber que o meu corpo negro é político, e isso é impagável.

Todos vocês me ajudaram a não desistir e a não voltar para casa. Na verdade... vocês fizeram com que eu me sentisse em casa.

“A minha cor sempre chamou muita atenção no aplicativo, porque é uma cor que chama atenção e é atraente, pelo menos com os caras que falaram comigo sempre falaram ‘ah, gosto muito dessa tua cor’, ‘acho tua cor maravilhosa’, ‘da cor do pecado’”

Interlocutor Diogo, negro e gay, 26 anos.

“Eu falei que eu não curti muito ele, então como eu não dava muita atenção, ele falou “tchau, seu negro babaca”

Interlocutor Davi, negro e gay, 22 anos.

“Eu acho que eu sou quase um sobrevivente, porque viver num aplicativo de relacionamento homossexual em 2019 ... é quase uma sobrevivência”

Interlocutor Jorge, negro e gay, 19 anos.

RESUMO

O objetivo geral deste estudo é compreender como os usuários gays negros do *Grindr* em Porto Alegre constroem os seus perfis na plataforma. A presente pesquisa é de caráter exploratório e qualitativo. Nos apropriamos de técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e realizamos observação aberta e não participativa. Em seguida foram empreendidas entrevistas semiabertas e análise de conteúdo com suporte do *software Nvivo*. Quanto ao aporte teórico, propomos uma discussão a respeito de identidade, mediações e os seus imbricamentos na era digital, para diante disso, articularmos os conceitos de raça e sexualidade como marcadores sociais da diferença, sob uma perspectiva interseccional. A partir da análise, identificamos que os usos do *Grindr* se tornaram gradativamente mais táticos através das necessidades desses usuários, mediadas pela agência sexual do desejo racializado.

Palavras-chave: Grindr; Mídia social; Negritude; Racialização; Gay.

ABSTRACT

The overall objective of this study is to comprehend how black gay Grindr users in Porto Alegre build their profiles on the platform. This research is exploratory and qualitative. We appropriated bibliographical and documentary research techniques and conducted open and non-participatory observation. Then, semi-open interviews and content analysis were undertaken, with assistance of the Nvivo software. Regarding the theoretical framework, we proposed a discussion about identity, mediations and their imbrications in the digital age, so we could then articulate the concepts of race and sexuality as social markers of difference, from an intersectional perspective. From the analysis, we identified that Grindr's uses have gradually become more tactical through the needs of these users, mediated by the sexual agency of racialized desire.

Keywords: Grindr; Social Media; Blackness; Racialization; Gay.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela Inicial do Grindr	17
Figura 2 – Perfis e informações	18
Figura 3 – Chat e interface das interações	19
Figura 4 – Perfil do pesquisador no <i>Grindr</i>	31
Figura 5 – Nuvem geral	85
Figura 6 – Nuvem “negro”	92
Figura 7 – Nuvem “gay”	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro para as entrevistas semiabertas.	33
----------------------------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Panorama quantitativo geral.....	25
Tabela 2 – Produções acadêmicas encontradas no Estado da arte	26
Tabela 3 – Modelo de estruturação das informações nos perfis	35
Tabela 4 – Informações preenchidas nos perfis dos entrevistados	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ESTADO DA ARTE	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 Pesquisa bibliográfica e documental	28
3.2 Pesquisa exploratória e qualitativa no ambiente online	29
4 IDENTIDADE E MEDIAÇÕES	38
4.1 Identidade e representação	38
4.2 Identidade e tecnicidade	42
4.3 Identidade e socialidade na era digital	44
5 BREVES INCURSÕES SOBRE INTERSECCIONALIDADE	48
5.1 Raça e negritude	49
5.2 Sexualidade e desejo	55
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	62
6.1 Práticas e usos do Grindr	63
6.2 Identidade e Negritude	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como preocupação central as dinâmicas empreendidas por homens gays negros no aplicativo *Grindr*. Tratando da representatividade negra de forma geral, autores como Silva (2011), Almeida (2016), Barreto et. al. (2017), Dantas e Florêncio (2018) são apenas alguns dos pesquisadores que se dedicaram a analisar o padrão de beleza disseminado pela mídia no Brasil. As conclusões das suas investigações demonstram o branco frequentemente publicizado como uma figura bela, heróica, e o negro como sinônimo de feiura e de certa desordem, seja em relação ao seu cabelo ou aos seus traços negróides. Sodré (2015) também faz um resgate histórico da representação da identidade negra na mídia brasileira e, segundo o autor, a nossa sociedade é regida esteticamente por um paradigma de beleza branco. No que diz respeito a esses padrões de beleza, recorrentemente as sociedades os produzem, naturalizam e os legitimam por várias instituições, sendo a mídia uma delas (SILVA, 2011).

Referindo-se, especialmente, aos homens gays na mídia, Trevisan (2018) apresenta brevemente quais as telenovelas brasileiras que trataram da homossexualidade e a constatação a qual chegamos, a partir de um olhar analítico referente à sua pesquisa, é que nenhuma dessas telenovelas trouxe protagonistas/personagens negros representados como homossexuais. Essa discussão é amparada por Silva (2015), que fez uma investigação a respeito das representações da homossexualidade na telenovela *Amor à vida*. A sua pesquisa constatou a inexpressiva presença de negros dentre as personagens LGBT+¹ nas telenovelas brasileiras. Iribure (2008) debruçou-se frente a uma análise histórica das representações da homossexualidade em anúncios publicitários. Dos materiais analisados, percebemos que eles sequer tratavam da “possibilidade” de negros também serem gays. Enquanto Mendonça (2018) também fez um estudo de recepção com o objetivo de compreender a “homoafetividade” em peças publicitárias, a sua pesquisa constatou que negros homossexuais sentem falta de se sentirem representados na publicidade.

Por falar em publicidade, um estudo recente do Grupo Chroma² apontou que 37% da população brasileira considera a publicidade racista. Entre o público negro, 53% afirma que

¹ A sigla refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Utilizamos o “+” com o objetivo de incluir todos na composição da nomenclatura (como queer, intersexual, pansexual, por exemplo).

² MEIO E MENSAGEM. Para 37%, publicidade ainda é racista. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/11/20/para-37-publicidade-ainda-e-racista.htm>> . Acesso em 21 de Out. 2019.

os anúncios não refletem a sua realidade. Em suma, se a representatividade do negro na mídia ainda caminha a passos curtos, a articulação do recorte racial junto com a sexualidade é ainda mais caótica.

Perpassando brevemente pela situação social do negro no Brasil, a nossa população é composta majoritariamente por este grupo racial, sendo 55,8% dos brasileiros negros (IBGE, 2018). Segundo os últimos dados do censo PNAD - Contínua (2018), o Sul (região onde a presente pesquisa está inserida) possui 73,9% da população branca, enquanto apenas 25,4% são negros. Essa é a região com a maior concentração de pessoas brancas do país.

O IBGE (2018) também identificou que negros têm 2,7 mais chances de serem mortos do que brancos. Em dados quantitativos, o *Atlas da violência* de 2019 identificou que o Brasil tem 180 homicídios por dia e 75% são de negros. Na questão do número de mortes, o Brasil também registra uma média de uma morte por LGBTfobia a cada 23 horas, de acordo com o último relatório do Grupo Gay da Bahia (2019). Se esses dados, isolados, se demonstram alarmantes por si só, devemos considerar que eles não articulam ambos os fatores: ser “negro” e “LGBT+”. Se ser negro no país já é complicado, já pensou se o indivíduo também for LGBT+?

Trevisan (2018), através de um resgate histórico da percepção da homossexualidade no Brasil desde o período colonial, traz breves relatos de como os corpos negros eram vistos na colônia, perpassando por uma construção histórica do homem negro como mero objeto sexual. Numa das passagens, através de cartas e documentos da época, é possível visualizarmos, por exemplo, que os escravos que tinham os pênis maiores eram os mais caros, pois acreditava-se que reproduziriam mais e, conseqüentemente, gerariam mais escravos. Com a chegada dos imigrantes europeus, essa objetificação frente ao corpo negro se intensificou, visto que esses corpos eram passíveis de desejos sexuais, mas não eram aptos para relacionamentos públicos, casamentos, etc.

Como se pode notar, há poucos dados referentes à situação do negro gay no Brasil. Muito se fala isoladamente sobre cada um dos grupos, sem lançar mão de dados oficiais estatísticos que deem conta de uma perspectiva interseccional das opressões de raça e sexualidade as quais estas pessoas estão submetidas. Em um site sobre cultura LGBT+, encontramos um vídeo (PÔE NA RODA, 2017) publicado, em que homens negros rebatem

comentários racistas em aplicativos de relacionamento destinados para o público gay³. Nesse vídeo, comentários como “não me relaciono com negros”, “você é um negro muito bonito”, “tem o pauzão de negro? Curte um branquinho passivo?”, “nunca peguei um negro, queria experimentar”, “queria muito ver meu marido transando com um negão, topa?”, “bem bonito mas poderia cortar esse cabelo crespo”, são lidos e respondidos.

A primeira problematização que inspirou a presente pesquisa foi justamente uma linha tênue entre passado e presente no que diz respeito ao corpo negro masculino. A partir da articulação dos dados aqui apresentados, as discussões empenharam-se em questionar como essa investigação daria conta de estudar, no espectro da comunicação, o corpo negro dentro de um padrão hegemônico de homens brancos gays.

Levando em consideração dados tão alarmantes sobre a situação do negro e da população LGBTQ+ no Brasil, elegemos o aplicativo de relacionamento *Grindr* como *locus* para discutir problemas estruturais relacionados à sexualidade e à raça desde um ponto de vista comunicacional, mas nos apropriando de outros campos como a antropologia e a sociologia. Para Miskolci (2017), em diálogo com Luís Martino em sua obra *Teoria das mídias digitais*, as mídias analógicas possuem uma base material, como o disco de vinil, projetor de cinema, o papel de jornais e revistas; nas digitais, o conteúdo midiático é transformado em dígitos. Na atualidade, através de inúmeros equipamentos eletrônicos, esses conteúdos passam a ser acessados digitalmente, o que permite que eles sejam compartilhados e armazenados - uma vez que os usuários de mídias digitais não são apenas meros consumidores-receptores, mas criadores e emissores que se conectam entre si (MISKOLCI, 2017). Levando em conta o caráter social e interativo que as mídias digitais permitem, sobretudo as plataformas conhecidas como sites de rede social (RECUERO, 2014), como o próprio *Grindr*, este parece ser um ambiente propício para analisar aspectos de raça e sexualidade em diálogo com produções de identidade.

Nesta pesquisa, consideramos o *Grindr* uma mídia social, que de acordo com Martín-Barbero apud. Jacks et. al (2017, p. 13), “é aquela que surge como um canal de comunicação entre as pessoas e entre as instituições sociais e seus públicos” e que produzem um conjunto de informações tecidas socialmente. Jacks et. al (2017) também complementam

³ PÔE NA RODA. Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4NgE7jfOZAQ>>. Acessado em: 28 fev. 2019.

a definição de Martín-Barbero com a percepção de Varela, que enfatiza que a ausência de um polo emissor centralizado e as possibilidades de interação que os usuários possuem é o que vai distinguir esse tipo de mídia dos meios de comunicação de massa, em oposição à passividade das audiências *massmediaticas*. Para Recuero (2008) a mídia, nesse caso, torna-se social porque propicia a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção de um espaço social de interação com outros atores.

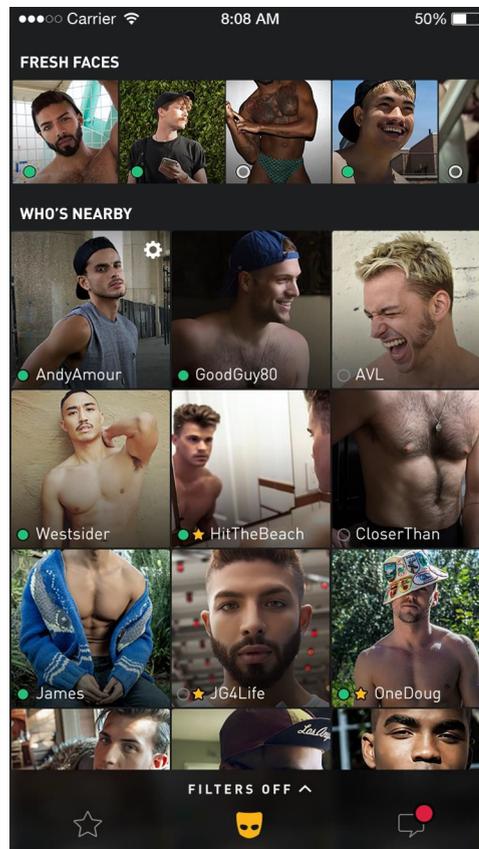
Woodward (2000) enfatiza que, para que tenhamos uma compreensão plena de um artefato cultural, é imprescindível que analisemos os processos de identidade, representação, produção, consumo e regulação, pois é a esses sistemas simbólicos que a representação se refere. Esses sistemas produzem significados a respeito do tipo de indivíduo que utiliza tal artefato, ou seja, produzem identidades que lhe são atribuídas. E o artefato ao qual nos apropriamos aqui é o *Grindr*.

O *Grindr* é considerado “a maior rede social para conectar pessoas gay, bi, trans e queer do mundo inteiro”⁴. O idealizador do aplicativo, o jornalista israelense residente dos Estados Unidos Joel Simkhai, acredita que o aplicativo obteve sucesso porque encontrou uma solução simples para um problema complicado: conectar homens gays. Joel conta que sempre teve dificuldades em conhecer outros homens. Segundo ele, é possível deduzir, mas não há certeza de quem é “gay” ou não é. Com o lançamento do Iphone 2⁵, o jornalista contou a ideia para alguns amigos e contratou um desenvolvedor na Dinamarca, lançando o aplicativo globalmente em março de 2009. O termo *Grindr* significa, em tradução livre, “moedor”. De acordo com o próprio idealizador da plataforma, “cada sujeito pode moer e se deixar moer no mercado dos desejos como quiser, como acontece com os vários grãos de café. Cada um pode misturar os grãos e obter o café que quiser. Só que ao invés de café, as pessoas se tornam moedoras de afetos, de amor e sexo” (SIMKHAI apud. COUTO et. al., 2013, p. 4). Abaixo, há uma representação da tela inicial ao abrir o aplicativo.

⁴ GRINDR. Sobre. Disponível em: <<https://www.grindr.com/br/about/>>. Acesso em 01 de Abr. 2019.

⁵ IGAY. Joel Simkhai, criador do Grindr: "Sei que é complicado conhecer outros homens". Disponível em: <<https://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>>. Acesso em 02 de Abr. 2019.

Figura 1 – Tela Inicial do *Grindr*



Fonte: GRINDR⁶, 2019.

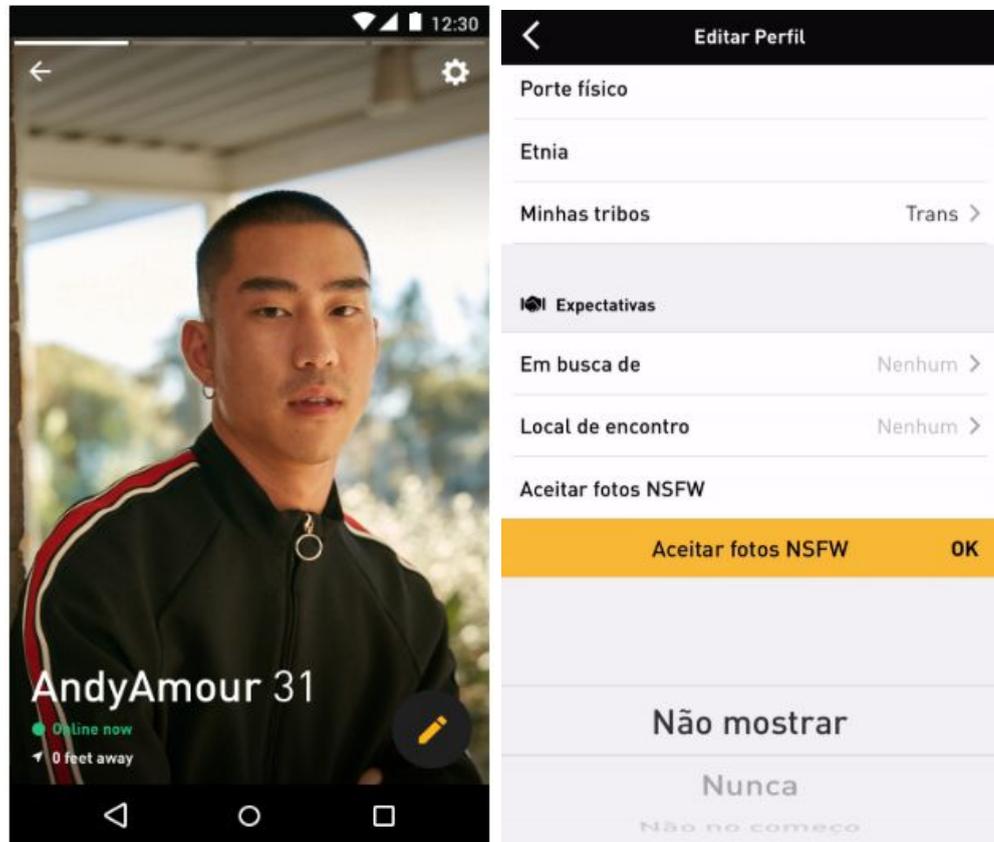
A plataforma conta com cerca de quatro milhões de usuários no mundo todo⁷ (no Brasil, não temos dados a respeito) e tem recurso de geolocalização instantânea, sendo possível que o usuário converse com as pessoas próximas e até mesmo com indivíduos que residem em outros países. Na figura acima, os perfis são de outros usuários que também têm o *Grindr* instalado em seus celulares e que se encontram em um raio de proximidade. Para criar um perfil, basta que o usuário se cadastre com um e-mail ou que aceite os termos de compartilhamento de informações com o *Facebook*. Dentro do aplicativo, é possível adicionar fotos e informações como idade, altura, etnia e uma breve descrição pessoal⁸.

⁶ Imagens fornecidas pelo site oficial da plataforma.

⁷ DMR. 11 Interesting Grindr Facts and Statistics (2019). Disponível em: <<https://expandedramblings.com/index.php/grindr-facts-statistics/>>. Acesso em 01 de Abr. 2019.

⁸ Todas os campos disponíveis estarão expostos na Tabela 1 - presente na seção de Procedimentos Metodológicos.

Figura 2 – Perfis e informações



Fonte: GRINDR, 2019.

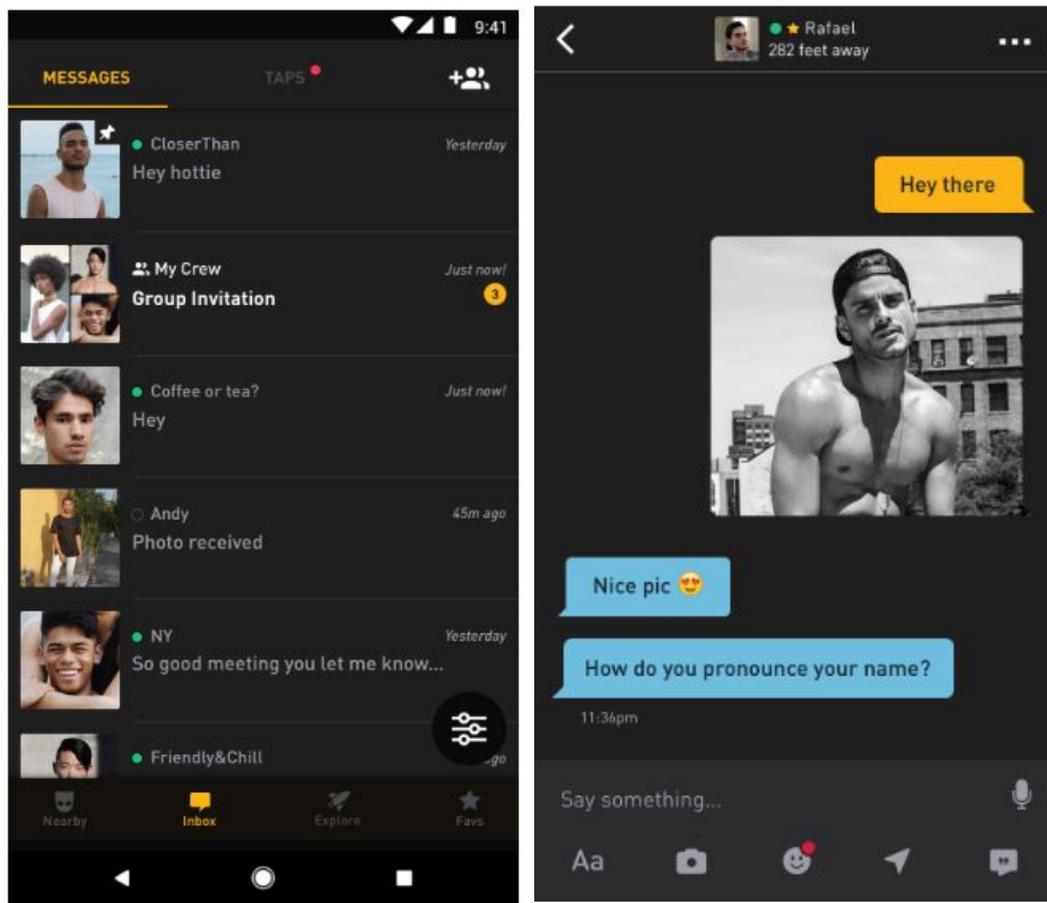
O aplicativo possui duas versões, a mais utilizada pelos usuários, gratuita e com anúncios⁹, permite que esses visualizem o perfil de até 100 pessoas que estejam próximas. O *Grindr* possibilita que os usuários ampliem as fotos, salvem outros contatos como favoritos, bloqueiem pessoas e denunciem perfis falsos. As conversas instantâneas acontecem através de um *chat* que possibilita o envio de mensagens de textos, o compartilhamento de fotos, áudios e emojis, sem a necessidade um *match*¹⁰. Quanto à segunda versão do aplicativo, que é paga, o *Grindr Xtra* viabiliza o acesso a até 600 perfis, além de outros recursos adicionais, como

⁹ Esses anúncios acontecem através de vídeos e banners dentro da própria plataforma. Os usuários podem ver anúncios de 15 a 30 segundos para visualizar mais perfis, por exemplo.

¹⁰ O *match* significa “combinar” na tradução do inglês para o português, o pioneiro nesse tipo de combinação foi o *Tinder*: quando dois usuários dão “like” um no perfil do outro, resulta em uma combinação. A partir disso, ambos podem conversar.

nenhum tipo de anúncio intersticial¹¹, visualização somente de perfis que estejam *online*, filtros adicionais, recibos de leitura da mensagem e fixação de conversas através de PIN¹². O aplicativo, em suas duas versões, também produz conteúdos, com o intuito de “agregar a comunidade LGBTQ+, através da expansão para outras plataformas [...]. abordando desde questões sociais a conteúdo original” (GRINDR, 2019).

Figura 3 – Chat e interface das interações



Fonte: GRINDR, 2019.

A experiência dos usuários dentro do aplicativo pode variar muito. Frequentemente a plataforma é criticada por facilitar *bullying* e comportamento agressivo, incluindo racismo e abuso contra homens estereotipados como “afeminados”. É difícil refutar essas acusações,

¹¹ Ao contrário dos anúncios padrões que se restringem a uma parte de uma interface do usuário em um aplicativo ou jogo, os anúncios intersticiais são mostrados em toda a tela. Para deixar de vê-lo, o usuário deve tocar na opção de “X” no canto esquerdo do anúncio, é necessária uma ação direta por parte do receptor.

¹² O recurso PIN permite ao usuário fixar conversas específicas no topo da lista de bate-papos.

considerando que o *Grindr* permite que os usuários filtrem raças, “tribos¹³” e tipos de corpos (VICE, 2019). Há diversos relatos a respeito desses “filtros¹⁴” e “preferências”, principalmente ao que tange ao marcador “raça”. Dez anos depois, o *Grindr* finalmente parece ter entendido o papel social que desempenha. Mesmo que os problemas que ele alimenta não tenham surgido necessariamente no aplicativo, o seu papel social também é ajudar a erradicá-los. Em 2018, a plataforma lançou o *Kindr Grindr*¹⁵, que basicamente é uma campanha que promove a “diversidade e inclusão” sobre “racismo, *bullying* e outras formas de comportamento tóxico” (GRINDR, 2019). Isso surgiu logo após o *Grindr for Equality*¹⁶ de 2012, encorajando os usuários a “se mobilizar, informar e empoderar”. Em 2017, o *Grindr* lançou a *INTO*, uma “revista digital para o mundo queer moderno” (GRINDR, 2017), que já não existe mais. A revista era gratuita para todos os usuários, possuía colunas e produzia conteúdo de caráter informativo sobre assuntos diversos¹⁷ (VICE, 2019).

O *Grindr* é uma plataforma importante para homens LGBT+, pois representa a legitimização da “liberdade sexual” tão almejada por esses indivíduos. Descrever o *Grindr* como um fenômeno cultural ou um aplicativo que revolucionou o sexo não capta exatamente o impacto que ele teve na cultura e “estilo de vida” gay. É através do *Grindr* que muitos homens experimentam relações homoafetivas pela primeira vez (como veremos na presente pesquisa). Inserir-se nesta plataforma, como vimos, demanda a criação de um perfil. Isto, por si só, constitui a necessidade da elaboração de uma narrativa de si a partir de uma complexa negociação entre o que se é, o que se deseja, como quer ser percebido, etc.

Tratando especificamente da identidade gay na era digital, pensando no objeto da presente pesquisa, Miskolci (2017), em diálogo com Mowlabocus, enfatiza que a questão “como quero ser visto?” é chave para a construção de um perfil *online*. E a resposta é

¹³ As tribos no aplicativo dizem respeito a categorias dentro da comunidade gay, como: “*daddies*”, “*ursos*”, “*barbies*”, etc.

¹⁴ INDEPENDENT. Racism Is Rife On Dating Apps – Where Does It Come From And How Can It Be Fixed?. Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/life-style/love-sex/dating-apps-racism-tinder-bumble-grindr-online-dating-a8504996.html>>. Acesso em 01 de Abr. 2019.

¹⁵ Em tradução livre: “*Grindr mais querido*”.

¹⁶ Em tradução livre: “*Grindr para a igualdade*”.

¹⁷ VICE BRASIL. Usuários do Grindr falam sobre os altos e baixos nesses dez anos do aplicativo. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/59x83d/usuarios-do-grindr-falam-sobre-os-altos-e-baixos-nesses-dez-anos-do-aplicativo>. Acesso em 01 de Abr. 2019.

variável. Sujeitos são plásticos, em eterna mutação, e é justamente em sua não fixidez que reside sua capacidade de agir, resistir e se transformar segundo referentes não necessariamente impostos. Poderia ser um direito e uma possibilidade fugir não apenas dos estereótipos e modelos socialmente impostos, mas também negociar reflexivamente com as normas que delimitam as possibilidades de existência hoje disponíveis. Nesse sentido, refletir criticamente sobre o eixo sociotécnico que cria (torna visíveis) homossexuais em nossos dias, fazendo isso por meio da associação entre formas de vigilância e enquadramento representacional, impõe-se como uma tarefa para construir agência (política e sexual) na sociedade contemporânea. (MISKOLCI, 2017).

Sobre encontros sexuais na era digital, para Turkle (1997), esses são apenas um elemento das novas vidas nas telas. Essas comunidades virtuais permitem que, através de anúncios de palavras, as pessoas gerem experiências, relacionamentos, identidades e espaços de comunicabilidade, que surgem apenas através da interação mediada pela tecnologia. Podemos ir além e pensar não só nas palavras, mas também nas imagens através da representação por fotos, da qual também nos apropriamos no nosso objeto de estudo.

A partir dos dados apresentados, construímos o objeto de pesquisa levando em conta a situação marginalizada do negro e do público gay no cenário brasileiro contemporâneo. Somado a isso, a partir das novas práticas que as mídias digitais desenham no âmbito das socialidades através de aplicativos de relacionamento, nos fazemos a seguinte pergunta: de que forma homens gays negros se apropriam do aplicativo *Grindr* para se apresentarem e se relacionarem com os demais usuários? Por conseguinte, o objetivo geral é compreender como os usuários gays negros do *Grindr* em Porto Alegre constroem os seus perfis na plataforma.

Como objetivos específicos definiram-se: a) identificar como elementos identitários ligados à raça são acionados por esses usuários; b) identificar como elementos identitários ligados à sexualidade são acionados; c) articular os marcadores de raça e sexualidade.

Conforme apresentaremos na seção seguinte, há poucos estudos na área da comunicação que se debruçam frente às construções identitárias de homens negros nas mídias sociais. Nossa pesquisa se aproxima dos Estudos Culturais, pois esta perspectiva coloca a dimensão da cultura como *locus* principal de análise, considerando a mídia uma articuladora das dinâmicas de poder em jogo na paisagem sociocultural. Os Estudos Culturais desdobram-se em outros campos de estudo em uma estratégia interdisciplinar, colocando-se

em diálogo com a antropologia, a sociologia, a história, entre outras áreas (MATTELART, NEVEU, 2004). O presente estudo dedica maior atenção às discussões que se dão à luz deste paradigma, para discorrer sobre marcadores sociais, identidade e apropriações da mídia. Os autores que ilustram esse debate estão filiados tanto à corrente britânica, quanto à latino-americana dos Estudos Culturais.

Conforme mostramos nos dados documentais no início dessa seção, as identidades negras e gays devem ser analisadas sob o espectro de projetos políticos, visto que são cotidianamente submetidas a processos complexos de marginalizações sociais.

Para identificar como os elementos identitários citados são acionados, iremos nos apropriar do conceito de tática de Certeau (2014), considerando-o um jogo dos acontecimentos, que são transformados em ocasiões, uma forma dos mais fracos burlarem as estratégia articuladas pelos mais fortes:

Tática como um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias, [...] a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para o transformar em “ocasiões”. [...] Muitas práticas cotidianas são do tipo tática, e uma grande parte das “maneiras de fazer”. (CERTEAU, 2014, p. 46).

Ao contrário da tática, a estratégia é o cálculo das relações de forças que tornam-se viáveis a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. De acordo com Certeau (2014), a nacionalidade política, econômica ou científica foi construída a partir desse modelo estratégico. Iremos nos debruçar nessa pesquisa frente às táticas de comunicabilidade utilizadas, localizando como aspectos relacionados à raça e à sexualidade são mobilizados.

Este trabalho está dividido em seis sessões. Nas duas primeiras, demonstramos as nossas incursões metodológicas, como o estudo de estado da arte que realizamos, as pesquisas bibliográficas e documentais e a pesquisa exploratória e qualitativa no ambiente *online*, através da apropriação das ideias de Ferreira (2002), Stumpf (2006), Gil (2008), Medeiros (2018), Johnson (2010), Duarte (2006) e Bardin (2011).

Na seção de número quatro, propomos uma discussão a respeito de identidade, mediações e os seus imbricamentos na era digital, a partir de autores como Hall (2019), Woodward (2000), Bennet et. al. (2005), Barker (2004), Turkle (1995), Miskolci (2017) e

Martín-Barbero (2009). Logo em seguida, articulamos os conceitos de raça e sexualidade através de um olhar interseccional e pautado através dos marcadores sociais da diferença, por Munanga (2012), Weeks (200), Libardi (2019), Akotirene (2019), entre outros. Também propomos reflexões a respeito da agência e da construção social do desejo a partir do diálogo com Miskolci (2017).

A quinta seção apresenta a análise das entrevistas realizadas e a interpretação dessas, articulando-a com as bibliografias das quais nos apropriamos. No último capítulo dessa monografia, discorremos as considerações finais e destacamos os principais resultados onde apresentamos a importância dessa investigação para o campo da comunicação.

Por fim, destaco que como um homem negro, compreendo a academia como um espaço amplo e plural de produção científica e de reflexão sobre assuntos importantes que devem ser problematizados e investigados. A escolha por essa temática nasceu das minhas próprias inquietações frente a posição ocupada por homens negros no meio gay. Acredito que para compreendermos o fenômeno em sua complexidade, é necessário que entendamos que sujeitos brancos e negros não desempenham os mesmos papéis sociais, por isso considero que é o meu dever como pesquisador ter um olhar interseccional pautado pelos marcadores sociais da diferença de raça e de sexualidade. Para que identifiquemos e pensemos sobre esses papéis desempenhados, ouvir esses indivíduos é imprescindível, e é a isso que nos propomos nesta pesquisa.

2 ESTADO DA ARTE

É imprescindível conhecer e estudar sobre o que está sendo produzido na academia brasileira, pois essa análise nos permite investigar as principais tendências das pesquisas. O propósito é descobrir quais as subáreas que mais se destacam e, dentre as diversas temáticas tratadas, qual a ênfase dada por pesquisadores nas discussões que envolvem as temáticas investigadas. Com o objetivo de compreender o que está sendo produzido na academia no que tangencia as temáticas tratadas no presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de estado da arte a fim de localizar e quantificar essas produções. Para Ferreira (2002), essas pesquisas, empreendidas com base em títulos e resumos, são uma estratégia metodológica eficaz por constituírem um cenário do conhecimento produzido a respeito de determinados temas.

Quanto aos títulos, Ferreira (2002) defende que esses são responsáveis por anunciarem as informações principais sobre o trabalho e por apresentarem ao leitor a existência do mesmo. Os resumos possuem a finalidade de divulgar com maior abrangência os trabalhos realizados na esfera acadêmica e devem informar ao leitor, de forma direta e sucinta, sobre o que trata o trabalho. Ele informa ao leitor a discussão deixada em aberto pelo título.

As Universidades pesquisadas são aquelas que possuem quantitativamente mais trabalhos na área da Comunicação entre os anos de 2010 a 2015 (CASTRO; SCHMITZ, 2017): USP, PUCSP, PUCRS, UNISINOS, UNB, UMESP, UFRJ, CASPER LÍBERO, UFRGS e UFPE. Muitos dos repositórios dessas instituições não permitem o filtro por área de conhecimento, então acabamos compondo o *corpus* inicial com trabalhos que não necessariamente eram de comunicação. A fim de complementar e enriquecer a busca, a Biblioteca de Teses e Dissertações da CAPES¹⁸ também foi consultada. Todos os títulos e resumos presentes foram lidos a fim de aprofundar e categorizar os trabalhos com maior precisão. Entraram apenas: teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e trabalhos publicados em eventos (contidos nos bancos de dados das presentes instituições).

¹⁸ Plataforma digital que tem como principal intuito Facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país. O Banco de Teses faz parte do Portal de Periódicos da Capes/MEC.

As palavras buscadas foram escolhidas baseadas nas principais temáticas que tangenciam a nossa pesquisa: (1) “Hornet”; (2) “Scruff”; (3) “Grindr”; (4) “raça” AND “identidade” AND “homem”; (5) “raça” AND “identidade” AND “masculino”. A ideia aqui foi buscar as pesquisas que tratavam dos principais aplicativos destinados exclusivamente ao público gay, de acordo com o Tecnoblog¹⁹ (2018): *Hornet, Scruff e Grindr*.

Com a finalidade de restringir os resultados, a presente pesquisa também contou com buscas através dos operadores booleanos²⁰. O termo AND, serviu para conectar todos os termos da pesquisa que continham ambos em seus resumos e títulos. As palavras “raça” e “identidade” não foram procuradas isoladamente porque carregam uma amplitude de trabalhos, que não viabilizaram a profundidade que deve ser dada na presente pesquisa.

Para sintetizar a busca, apresentamos a presente tabela:

Tabela 1 – Panorama quantitativo gera:

	UFRGS	USP	PUC-RS	UNISINOS	UNB	UMESP	FCL	UFRJ	UFPE	PUCSP	BTD CAPES
Hornet	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8
Scruff	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Grindr	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
"Raça" AND "Identidade"	75	0	119	0	4	17	0	65	60	5	0
AND "homem"	136	0	70	0	4	7	0	62	38	4	0
"Raça" AND "Identidade"	63	0	35	0	0	0	0	130	18	1	0
AND "masculino"											
"Raça" AND "homem"											
AND "gay"											

Fonte: Autores.

Ao todo, foram selecionados 13 trabalhos²¹ (7 dissertações, 5 teses e 1 trabalho de conclusão de curso), defendidos entre 2004 e 2018. Abaixo, é possível visualizar a constituição do *corpus*, organizado da publicação mais antiga até a mais recente.

¹⁹ PRADO, Jean. Tinder gay: veja 7 aplicativos parecidos com o Tinder para o público LGBT.. Tecnoblog, 2018. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/252276/7-alternativas-tinder-gay-lgbt/>>. Acesso em: 20 de set. de 2019.

²⁰ São palavras que informam aos bancos de dados e repositórios de busca como combinar os termos utilizados em cada tipo de pesquisa. São eles: AND (E - “com todas as palavras”), OR (OU - “com qualquer palavra”), NOT (NÃO - “sem as palavras”) e as aspas (“com a expressão”), devem ser digitados sempre em letras maiúsculas a fim de se diferenciar dos termos pesquisados. Segundo Yamaoka (2006), embora a busca avançada seja um recurso que facilita o uso dos sistemas de busca, a utilização dessas palavras com operadores booleanos permite a montagem de expressões mais elaboradas e assertivas.

²¹ Originalmente, foram encontrados 933 trabalhos que continham as palavras buscadas, entretanto, muitos foram descartados por não terem como temática central os estudos de raça, identidade, masculinidade e sexualidade (gay) e/ou por não se tratarem de pesquisas em comunicação. Esse critério de temática central foi estabelecido a partir da leitura dos títulos e dos resumos.

Tabela 2 – Produções acadêmicas encontradas no Estado da arte (dentro da área da comunicação):

Título	Autor	Tipo de trabalho	Universidade	Ano
O negro representado na revista Raça Brasil : a estratégia de identidade da mídia étnica	Santos, João Batista Nascimento dos	Dissertação	UFRGS	2004
As representações do Brasil e dos brasileiros na internet: a construção da brasilidade nos sites estrangeiros	Silva, Sandra Rúbida da	Dissertação	UFRGS	2005
As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira : um olhar contemporâneo das últimas três décadas	Rodrigues, André Inibure	Tese	UFRGS	2008
As representações sobre cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no discurso jornalístico da Folha e do Estadão	Darde, Vicente William da Silva	Tese	UFRGS	2012
Mediações quilombolas: Apropriações étnicas na recepção de telenovelas	Grijó, Wesley Pereira	Tese	UFRGS	2014
Instagram e construção de identidade: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade	Sierra, Natasha Moraes Ferreira	Trabalho de Conclusão de Curso	UFRJ	2014
Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida	Silva, Fernanda Nascimento da	Dissertação	PUC-RS	2015
Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrenses no Instagram	Fantoni, Andressa	Dissertação	PUC-RS	2017
Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte	Alencar, Venan Lucas de Oliveira	Dissertação	UFMG	2017
Interação e mediação comunicacional: redes geossociais e os caminhos locativos de visuaisidades gays	Bianchi, Eduardo	Tese	UFRJ	2017
Jornalismo e gênero : produção e disputa de sentidos no discurso dos leitores	Stocker, Pâmela Caroline	Tese	UFRGS	2018
Gayfaceless: da rostidade homossexual à heteroplastia	Fragoso, Paulo Alan Deslandes	Dissertação	UFF	2018
Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRNDR	Medeiros, Ettore Stefani De	Dissertação	UFMG	2018

Fonte: Autores.

A partir das leituras dos títulos e resumos desses trabalhos, concluímos que os estudos em comunicação que tratam dessas questões são escassos. Inclusive, muitos eram os estudos em psicologia e ciências sociais que continham as palavras buscadas e que se encontravam dentro dos repositórios de comunicação nos bancos de pesquisa. Todavia, desses 13 trabalhos, 3 (24%) se dedicavam a estudar as identidades de homens gays em aplicativos de relacionamento, sendo dois deles da UFMG. Enquanto apenas 1 (8%) se debruçou sobre questões de raça, falando especificamente de homens negros na mídia. É importante destacar que 100% dos trabalhos que tratam das temáticas buscadas pela nossa pesquisa, estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste - o que pode ser visto como um reflexo da soma de 72% dos cursos de pós-graduação (CAPES, 2010) do Brasil, que encontram-se nessas regiões.

Falando especificamente sobre o lugar onde o objeto dessa pesquisa está inserido, nenhum dos três trabalhos que se propõem a estudar as identidades de homens gays em aplicativos de relacionamento tratam a categoria de raça como tema central: todos se debruçam frente às questões de hetenormatividades e masculinidades. As metodologias empregadas nesses trabalhos, de acordo com os seus resumos, são: análise de discurso com base em *screenshots* (ALENCAR 2017), entrevistas via *chat* (BIANCHI, 2017), entrevistas “face a face” (BIANCHI, 2017) e análise de textos verbo-visual (MEDEIROS, 2018). Apenas um deles se propôs a fazer entrevistas presenciais (BIANCHI, 2017), não havendo maiores detalhes referentes à metodologia no resumo, além de o trabalho completo não encontrar-se disponível no repositório da CAPES. Essa pesquisa busca dialogar com esses trabalhos a partir de uma nova perspectiva: entender como as táticas de comunicabilidade são utilizadas pelos usuários negros a partir de uma visão interseccional, que leva em conta as diferentes especificidades dos marcadores sociais de raça e sexualidade²².

²² Em seu estudo de estado da arte a respeito de teses e dissertações sobre interseccionalidade defendidos entre 2008 e 2018 no Brasil, Libardi (2019) constata que o marcador “sexualidade” é pouco articulado em relação aos demais, sendo gênero e raça os mais privilegiados. Portanto, nosso estudo contribuirá para um debate acerca de uma categoria pouco explorada em articulação com as questões raciais, dimensão mais consolidada no campo das ciências sociais e humanas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, iremos apresentar as nossas escolhas no que diz respeito aos métodos e técnicas empregadas. Primeiramente contemplamos as pesquisas bibliográficas e documentais, que serviram para justificar a importância do presente estudo para o campo da comunicação, bem como para constituir o referencial teórico. A seguir, discorreremos sobre a exploração metodológica no ambiente digital.

3.1 Pesquisa bibliográfica e documental

Para a construção do referencial teórico utilizamos a pesquisa bibliográfica que, segundo Stumpf (2006), é o planejamento inicial de qualquer pesquisa científica. Vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia relevante para a temática trabalhada, até a apresentação de um texto organizado, onde são apresentados os conceitos na literatura examinada, evidenciando o entendimento e domínio desses autores por parte dos pesquisadores - incorporados às suas ideias e opiniões. Para a autora, a importância da revisão da literatura sobre determinado objeto é relevante para que os pesquisadores adquiram conhecimentos sobre o que já foi investigado a respeito do assunto em outras pesquisas. A busca por essa literatura otimiza esforços e auxilia na busca de respostas ou pistas sobre como responder ao problema de pesquisa identificado (STUMPF, 2006).

Para justificar a relevância do presente trabalho de conclusão de curso para o campo da comunicação, conforme abordado na Introdução, e para apresentar ao leitor dados relevantes que contribuem para a análise dos objetivos aqui propostos, fizemos uma pesquisa documental. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Gil (2008), se assemelha bastante à bibliográfica. A diferença entre ambas é a natureza das fontes²³. Enquanto a pesquisa bibliográfica se apropria das contribuições de autores variados sobre determinada temática, a documental utiliza-se de dados que ainda não receberam um tratamento científico ou que ainda podem ganhar uma nova interpretação de acordo com os objetivos de pesquisa.

²³ As fontes aqui utilizadas foram *sites e blogs*.

3.2 Pesquisa exploratória e qualitativa no ambiente *online*

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório que, segundo Gil (2008), “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (p. 27). Essas pesquisas são concebidas com o propósito de promover uma visão holística e aproximativa sobre certo acontecimento. Este tipo de pesquisa é realizado quando o tema escolhido é pouco explorado (como é o caso do objeto deste estudo, consoante a pesquisa de estado da arte apresentada na subsessão anterior). Geralmente esses tipos de pesquisas envolvem levantamento bibliográfico e documental e entrevistas não padronizadas (GIL, 2008).

Os procedimentos adotados nesta pesquisa exploratória são de cunho qualitativo. Ao contrário da pesquisa quantitativa que usa números e modelos estatísticos para explicar dados (BAUER; GASKELL, 2011), a pesquisa qualitativa evita quantificações e lida com interpretações das realidades sociais. A natureza destas interpretações está ligada ao que se pretende analisar das identidades dos sujeitos que a presente pesquisa explora.

[...] Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. [...] Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 70).

Conforme evidenciamos no estado da arte, há uma escassez de trabalhos acadêmicos focados em aplicativos de encontro gay (MEDEIROS, 2018), o que limitou realizarmos uma replicabilidade metodológica a partir de outros trabalhos. Iremos nos apropriar das incursões metodológicas apresentadas por Johnson (2010) no que tangencia a pesquisa qualitativa mediada por computador e na sua definição de “campo *online*”, aqui apresentado como um estágio de transformação do “espaço *online*”. Nesse contexto, o *Grindr* seria o lugar *online*, que nada mais é do que o espaço social na Internet, um ambiente vivo, em permanente construção pelas pessoas. Segundo Johnson (2010), os espaços *online* oferecem um leque de possibilidades variado para a captação e compreensão dos mais variados tipos de configurações sociais, dos mais simples aos mais complexos. A noção de campo *online* para

a autora foge da conceituação de “campo” utilizada tradicionalmente pelo senso comum, que significa um lugar físico, distante geograficamente da realidade do pesquisador, uma cultura exótica, uma fronteira delimitada. O campo *online* é desterritorializado, composto por novas formas sociais de ser estar com o outro.

Em primeiro lugar estamos em busca das dinâmicas das relações, interações e conexões on-line, e esses processos não podem ser controlados pelos pesquisadores que chegam ao campo de pesquisa. [...] É para onde os métodos de pesquisa devem ser deslocados, adaptados e mesmo inovados (JOHNSON, 2010, p. 60).

Para Johnson (2010), no ambiente *online*, o desenvolvimento e a adaptação criativa de métodos tradicionais de coleta de dados é uma questão de bom senso por parte dos pesquisadores. A autora aponta que os novos cenários sócio-técnicos exigem estratégias metodológicas flexíveis e consoantes com as necessidades de situações particulares. Segundo Johnson (2010), as observações de espaços *online* como técnica de pesquisa para avançar no entendimento do mundo social, “podem ser divididas em duas grandes dimensões: 1) o grau no qual o pesquisador participa no ambiente sob investigação; e 2) o grau no qual a observação é encoberta” (JOHNSON, 2010, p. 60).

Para explorar os sentidos acionados sobre raça no *Grindr*, fez-se necessária a criação de um perfil no aplicativo. Esse tipo de observação de campo é conceituado por Johnson (2010) como observação aberta e não participativa. Acontece nos casos em que o pesquisador é identificado quando o estudo começa e os sujeitos sob análise estão cientes que estão sendo estudados. Nesse caso, a função do pesquisador abstém-se da participação do processo sob observação.

Figura 4 – Perfil do pesquisador no *Grindr*



Fonte: Autores.

A identificação como pesquisador aconteceu não só no nome, como também na biografia do aplicativo: “*Olá! Estou buscando usuários no Grindr para realizar uma pesquisa (é para o meu tcc²⁴, estou falando sério) sobre as suas experiências dentro da plataforma [emoji]*”. Assim como Medeiros (2018), também optamos por preencher os campos disponibilizados, montando o perfil e realizando algumas práticas no aplicativo como um usuário ordinário - como enviar fotos e trocar telefone - ainda que em um perfil de pesquisador. A escolha pela identificação do objetivo do perfil também se deu por questões

²⁴ O meme “é para o meu TCC” nasceu no LDRV - um grupo no *Facebook* que soma mais de 500 mil membros - , jovens faziam perguntas íntimas, consideradas “indiscretas”, e diziam que a resposta serviria de base na pesquisa do trabalho de conclusão de concurso. Desde então, a frase virou um meme.

éticas, através da escolha do método obstrutivo²⁵ de observação aberta e não participativa. Além disso, acreditamos que essa é uma forma justa de apresentação, visto que esses sujeitos foram imprescindíveis para o presente trabalho de conclusão e mereciam saber quem era, de fato, o pesquisador com quem estavam conversando. Os atravessamentos subjetivos do pesquisador referentes à realização da pesquisa de campo serão apresentadas nas Considerações Finais.

A partir da criação do perfil de pesquisador, trocamos mensagens com vários usuários. Elegemos oito para conversar presencialmente, considerando que tivessem o campo de *etnia* preenchido como negro²⁶. Para Gil (2008), as entrevistas individuais presenciais são empregadas em estudos exploratórios com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão do problema, gerando hipóteses e fornecendo elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Para Johnson (2010), as entrevistas qualitativas podem ser definidas como conversas entre o pesquisador e os pesquisados e podem gerar indícios confiáveis para a resposta de perguntas da pesquisa, além de ajudar a compreender um problema social do ponto de vista dos que estão sendo estudados. A autora também irá apontar que há uma grande diferença entre conversas cotidianas e as conversas no contexto da pesquisa, principalmente em relação às técnicas que necessitam ser pensadas com antecedência pelo pesquisador a fim de contribuir para o sucesso da pesquisa: “essas técnicas envolvem a elaboração de perguntas, a definição de quais e quantas pessoas serão entrevistadas, o tipo de entrevista a ser conduzida, e como os dados das entrevistas serão analisados” (JOHNSON, 2010, p. 74).

As entrevistas que realizamos aqui foram semiabertas. Esse modelo de entrevista, de acordo com Duarte (2006), tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da investigação. Ela parte de alguns questionamentos primordiais que são apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. Nela, o pesquisador faz uma pergunta e explora ao máximo cada resposta e as questões são aprofundadas a partir da resposta do entrevistado, como uma espécie de funil. Segundo Duarte (2006), a principal

²⁵ Johnson (2010) divide os métodos de coleta de dados em pesquisa mediada por computador em não-obstrutivos e obstrutivos. Os primeiros referem-se a coletas de dados não-reativos, ou seja, os participantes não sabem que estão sendo observados. Enquanto os obstrutivos dizem respeito àqueles nos quais os participantes estão cientes que estão participando do estudo.

²⁶ Essa foi uma estratégia adotada por nós com o intuito de garantir que os sujeitos entrevistados, de fato, se reconhecem enquanto homens negros.

vantagem desse tipo de pesquisa é permitir a comparação de respostas e a articulação de resultados, permitindo uma sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. A seguir, compartilhamos o roteiro de entrevistas elaborado:

Quadro 1 – Roteiro para as entrevistas semiabertas.

1 – Acredito que a gente possa começar com uma apresentação sobre você, me conte um pouco sobre você (Nome, Idade, Ocupação).

Me conte sobre as suas práticas para conhecer parceiros afetivos ou sexuais. Em que lugares isso ocorre, como é a abordagem? [Gancho com o aplicativo].

2 - Há quanto tempo você é usuário do *Grindr*?

3 – Qual é a experiência que você busca na plataforma?

4 – Como você se vê dentro do *Grindr*?

Me descreve o teu perfil no aplicativo.

Como você criou ele? Como escolheu o que escrever, que foto pôr, informações para preencher...

Desdobramentos (atenção nas respostas):

a) Escolha de fotos, frase, preenchimento de informações pessoais.

Foto

Como você escolhe as fotos?

Explorar relações do perfil com representações na mídia, padrões de beleza, estéticas etc.

b) Quais são os seus critérios?

c) Você se inspira em alguém ou em algo?

d) Quais são as suas referências de perfis que você considera o “ideal”?

e) Tem algum homem negro na mídia que você acha que se diferencie e que te sirva de inspiração nessa construção?

f) O que você quer que os outros saibam sobre ti com essa imagem? O que você está

querendo dizer para as pessoas que leem o seu perfil? Você acha que funciona?

5 - O seu perfil sempre foi assim? Você já fez alguma alteração nele desde que começou a usar?

Possíveis cenários para explorar:

- a) Quando mudou?
- b) O que você mudou?
- c) Por que você mudou?
- d) E o que você percebeu de mudanças na sua experiência no *Grindr* após essas alterações?
- e) Teve algum tipo de tratamento diferente depois dessas mudanças?
- f) Mais encontros? Menos encontros?
- g) É a forma como você quer ser visto?
- h) Como você acha que as pessoas te veem?

6 - Em que momento você acessa o aplicativo? (Explorar prática de uso no cotidiano)

- a) Você costuma mexer no aplicativo enquanto faz alguma outra coisa? [Ficar atento ao uso de outras mídias]

7 – Você usa outros aplicativos e plataformas de relacionamento além do *Grindr*? E como são as suas experiências nessas outras plataformas?

8 - *Caso não fale sobre o fato de ser um usuário negro:*

- a) O fato de você ser negro, te trouxe alguma experiência diferente no *Grindr*?
- b) O que significa para você afirmar a sua negritude no seu perfil?
- c) Você acha que o fato de você ser negro e afirmar esta questão racial interfere nas suas relações no aplicativo, na forma que é abordado?
- d) Você já sofreu alguma agressão racista no aplicativo? Se sim, como foi?

A fim de fornecer subsídios que auxiliem a compreender melhor o fenômeno investigado, criamos uma tabela²⁷ contemplando os itens informativos que o *Grindr* permite que o usuário preencha em seu perfil. Essa tabulação foi empreendida a fim de sistematizar o preenchimento desses campos (que, em diferentes níveis, informam sobre suas identidades), fornecendo uma visão global sobre o que e como os atributos são preenchidos por cada usuário.

Tabela 3 – Modelo de estruturação das informações nos perfis

Informações	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevista do 4	Entrevista do 5	Entrevista do 6	Entrevista do 7	Entrevista do 8
Descrição das fotos								
Nome								
Sobre mim								
Idade								
Altura								
Peso								
Etnia								
Porte físico								
Posição								
Tribos								
Relacionamento atual								
Em busca de								
Local de encontro								
Aceitar fotos NSFW								
Gênero								
Pronomes								
Status HIV								
Data do último teste								
Instagram								
Twitter								
Facebook								

Fonte: Autores.

Antes de cada entrevista, a tabela era preenchida com as informações de cada entrevistado, com o objetivo de deixar a ida a campo ainda mais assertiva, pois já sabíamos como aquele usuário se apresentava no aplicativo. Também foi possível evidenciar possíveis contradições com as informações que eram apresentadas em seus respectivos perfis.

Com o intuito de enriquecer e contextualizar a pesquisa, acreditamos que seja necessário apresentar a inserção em campo, assim como Medeiros (2018), que também

²⁷ Olhar tabela 3, a seguir.

realizou uma pesquisa no *Grindr* analisando as tensões entre masculinidades no serviço *online*. Levando em consideração que o aplicativo funciona através do recurso de geolocalização e que, habitualmente, os usuários conectam-se em lugares distintos no decorrer do dia, procuramos adentrar nesse padrão de uso do serviço tecnológico. Sendo assim, estabelecemos geograficamente uma zona dentro da capital gaúcha, fazendo com que nós nos familiarizássemos com os perfis e com os usuários que estavam mais próximos.

Quanto ao espaço geográfico, o recorte na cidade se deu na região central. Isso porque, além de ser a capital na qual a Universidade e o autor estão inseridos, ela encontra-se na região onde há o menor percentual de indivíduos negros do Brasil, e está entre os sete destinos mais “gay-friendly²⁸” certificados pela Embratur. É importante ressaltar que, assim como Medeiros (2018), nós também não tivemos a intenção de ter um *corpus* geograficamente representativo, pela especificidade exploratória e experimental que essa pesquisa possui.

Optamos também por não colocar a busca pelo recorte racial na descrição do perfil e nem por contar para os entrevistados que a pesquisa tinha esse enfoque logo no início. Essa informação era dada ao fim da entrevista porque queríamos que esses usuários contassem experiências relacionadas às suas identidades da forma mais natural possível. Esses encontros aconteceram em vários lugares: na casa dos entrevistados, cafés, no espaço da universidade, praças públicas, e em horários e turnos distintos. Eu me coloquei à total disposição para ir onde eles quisessem que eu fosse. Todos os nomes dados aos entrevistados são fictícios, a fim de preservarmos as suas respectivas vidas particulares. Tivemos autorização destes para o uso de suas entrevistas através do preenchimento do “Termo de autorização de entrevista” elaborado por esta faculdade.

Logo após as entrevistas, foram feitas as transcrições destas com o objetivo de partirmos para a análise de conteúdo. Esse tipo de análise, de acordo com Bardin (2011), tem como função primordial o desvendar crítico, e é um agrupamento de instrumentos de caráter metodológico em desenvolvimento progressivo, que se aplica a discursos bastante complexos e diversificados:

²⁸ ZERO HORA. Porto Alegre está entre os sete destinos gay-friendly certificados pela Embratur. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/09/porto-alegre-esta-entre-os-sete-destinos-gay-friendly-certificados-pela-embratur-4855061.html>>. Acesso em 01 de Abr. 2019.

[a análise de conteúdo] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p.48).

Bardin (2011) divide a análise de conteúdo em três pólos cronológicos: a) a pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A divisão através desses polos no presente estudo, ocorreu da seguinte forma: em um primeiro momento na constituição do *corpus*, tendo o cuidado em limpar esses dados retirando a fala do entrevistador e deixando apenas a dos entrevistados, para que obtivéssemos uma análise mais precisa. Ao explorarmos o material, utilizamos o *software Nvivo*²⁹, que nos auxiliou na enumeração e na codificação desses dados. Através dele foi possível gerarmos nuvens e matrizes das palavras citadas nas entrevistas. Por fim, sintetizamos e selecionamos os resultados obtidos, interpretando-os a partir do referencial teórico.

²⁹ O *NVivo* é um software utilizado para análise de dados qualitativos, que integra as principais ferramentas para trabalhar com texto, áudio, vídeo, e-mail, imagens, folhas de cálculo, questionários *online*, informação de sites e redes sociais, entre muitos outros.

4 IDENTIDADE E MEDIAÇÕES

Nesta seção, iremos articular o conceito de identidade, a partir de autores como Hall (2019), Woodward (2000), Barker (2004) e Bennet et. al. (2005). Com o objetivo de contextualizar a identidade frente ao objeto da presente pesquisa, faz-se necessária a explanação deste conceito considerando as suas especificidades na era da internet. Para isso, iremos nos apropriar das ideias de Miskolci (2017), Turkle (1995) e Martín-Barbero (2009).

4.1 Identidade e representação

O conceito de identidade tornou-se uma categoria fundamental para os estudos culturais a partir da década de 1990. Está relacionado com as nossas identificações emocionais, que dizem respeito à uniformidade e à diferença, ao pessoal e ao social (BARKER, 2005). Para Woodward (2000), a identidade é marcada pela diferença e essa diferença é sustentada pela exclusão: se você é “a” não é “b”, e vice-versa. Essa diferença faz com que a identidade seja relacional, através de uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. Nessa marcação simbólica, há uma relação entre a identidade do indivíduo e as coisas das quais ele se apropria. Lembrando que, nesse processo, algumas diferenças podem ser valorizadas, enquanto outras podem ser apagadas.

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou “forasteiros”. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora; é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”). (WOODWARD, 2000, p.50)

Pela perspectiva dos estudos culturais, a identidade é uma construção, pois os recursos discursivos que fomentam a formação da identidade são de caráter social e histórico. Isso significa dizer que nós somos constituídos como indivíduos em um processo que é entendido como aculturação³⁰, sem o qual não seríamos pessoas. Todavia, a construção

³⁰ Através de um tipo de contato duradouro ou permanente, duas ou mais culturas trocam valores, conhecimentos, normas, hábitos, costumes, símbolos e diversos outros traços culturais, a essa fusão/troca é dado o nome de aculturação. Esse processo não ocorre como uma via única (doadora/receptora) pois quando em contato, todas as culturas podem sofrer mudanças, em um processo de influxo recíproco (ULLMANN, 1991).

da identidade é tanto simbólica quanto social e política, pois para afirmar as diferentes identidades há uma luta, marcada por consequências e causas materiais (WOODWARD, 2000). Logo, se um determinado grupo é simbolicamente marcado como um tabu ou como inimigo, essa marcação terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. De acordo com Woodward (2000), o social e o simbólico são dois processos distintos. Enquanto a marcação simbólica “é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais” (WOODWARD, 2000, p. 13), é por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são presenciadas na prática. Sendo a identidade marcada pela diferença, parece que “algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2000, p. 11). As identidades também não são unificadas, pode haver distinções no seu interior que tendem a ser negociadas.

A identidade também está profundamente envolvida no processo de representação. A moldagem e a remoldagem das relações espaço-tempo no núcleo de distintos sistemas de representação possuem efeitos profundos na forma como as identidades são representadas e localizadas (HALL, 2019). Através da apropriação da discussão proposta por Stuart Hall, Woodward (2000) aponta que para analisar a relação entre identidade e representação, é necessário que pensemos na associação entre cultura e significado. A representação diz respeito “às práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 2000, p. 17). É através dos significados produzidos pelas representações que os sujeitos atribuem sentido às suas experiências e aquilo que são (WOODWARD, 2000). As práticas de significação também são responsáveis por produzir significados que abrangem relações de poder, pois é através do poder que são atribuídos os papéis de inclusão e exclusão.

Segundo Barker (2005), a própria noção do que é “ser uma pessoa” é uma questão cultural e sem a linguagem o próprio conceito de identidade seria indecifrável para nós. As identidades aqui também são entendidas como discursivas-performativas, ou seja, elas são mais bem descritas como práticas discursivas que promulgam ou produzem aquilo que é nomeado através da citação e reiteração de normas ou convenções (BARKER, 2005).

A identidade representa os processos pelos quais as posições discursivamente construídas do sujeito são tomadas por identificações fantasiosas de pessoas

concretas e por investimentos emocionais. O argumento de que a identidade não é uma entidade universal, mas uma construção discursiva culturalmente específica baseia-se em um relato antirrepresentacional da linguagem pelo qual o discurso define, constrói e produz objetos de conhecimento (BARKER, 2005, p. 93, tradução nossa).

A posição antiessencialista que é discutida dentro dos estudos culturais enfatiza que a identidade é um processo de construção de pontos de semelhança e diferença. Não há nenhuma essência da identidade a qual devemos tentar descobrir. Nesse sentido, a identidade está sendo produzida continuamente dentro das dualidades acima mencionadas (BARKER, 2004). Este argumento aponta para a natureza política da identidade como uma “produção” e para a possibilidade de identidades múltiplas, mutáveis e fragmentadas que possam ser articuladas em conjunto de diversas formas. “É a própria plasticidade da identidade que a torna politicamente significativa” (BARKER, 2004, p. 93, tradução nossa).

[...] as identidades são contraditórias e cruzadas ou se deslocam. Nenhuma identidade pretende ser uma identidade abrangente e organizadora, em vez disso, as identidades mudam de acordo com a forma como os sujeitos são abordados ou representados. Assim, somos constituídos por múltiplas identidades fraturadas. Se aceitarmos este argumento, então a aparente unidade da identidade é mais bem compreendida em termos de articulação de elementos diferentes e distintos que, outras circunstâncias históricas e culturais, poderiam ser rearticulados de diferentes maneiras. Os indivíduos são a articulação historicamente específica e única de elementos discursivos que são contingentes, mas também socialmente determinados ou regulamentados (BARKER, 2004, p.94, tradução nossa).

Essa fragmentação da identidade também é debatida por Bennet et. al., (2005), quando os autores expõem que a identidade – tanto individual como coletiva – tornou-se cada vez mais saliente na última década, por conta das transformações sociais e culturais associadas à globalização. Hall (2019) aprofunda essa discussão quando defende que a ideia de que as identidades eram mais unificadas e coesas e que, agora, se tornaram irregulares é uma forma simplista de contar a história do sujeito moderno. Comumente ouvimos dizer que na modernidade surgiu uma forma inédita e decisiva de individualismo, o centro da qual construiu-se uma nova concepção do sujeito individual e da sua identidade. O que acontece é que a individualidade era “vívda” e “conceitualizada” de forma diferente. As transformações relativas à modernidade “libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas (HALL, 2019, p. 18)”, pois as sociedades modernas são sociedades de mudança incessante, acelerada e ininterrupta.

O sujeito, que antes possuía uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, constituído não por uma, mas por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou “não resolvidas” (HALL, 2019). Nesse sentido, de acordo com Hall (2019) a identidade se altera para uma “celebração móvel”: moldada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados ou questionados, nos sistemas culturais pelos quais somos rodeados. A identidade passa a ser compreendida historicamente e não biologicamente. O indivíduo se apropria de diferentes identidades em momentos distintos, identidades que não são consolidadas em torno de um “eu” coerente. Visto que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam, nós passamos a ser confrontados a respeito da multiplicidade instável e mutável das possíveis identidades, com as quais poderíamos nos identificar ao menos por um determinado momento.

Segundo Hall (2019), uma vez que a identidade se modifica a partir da forma como o sujeito é questionado ou representado, a identificação pode ser ganha ou perdida, não sendo automatizada. A identidade passa a ser politizada, “esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*” (HALL, 2019, p. 16, grifos do autor). Hall (2019) toma como exemplo o “*black*”, que surge nos anos 1970, no Reino Unido, fornecendo um foco de identificação para as comunidades afro-caribenhas e asiáticas, para elucidar essa política de diferença. O que essas comunidades tinham de comum nesse contexto, o que elas representavam através da apreensão da identidade “*black*”, não é nada étnico, linguístico ou, até mesmo, algo fisicamente similar, mas sim o fato delas serem tratadas como a mesma coisa apesar de serem culturalmente distintas, isto é, sendo consideradas como não brancas pela cultura dominante. Esse é um exemplo que mostra não só o caráter político dessas identidades, mas seu caráter conjuntural e posicional e a forma como a identidade e a diferença estão embaraçosamente articuladas em identidades distintas, uma nunca anulando completamente a outra. O consumismo global e os fluxos culturais entre as diferentes nações conceberam possibilidades de “identidades partilhadas” – como por exemplo, “consumidores” para os mesmos bens e “público” para a mesma mensagem e imagem em determinado tipo de mídia (HALL, 2019).

4.2 Identidade e tecnicidade

Ao nos referirmos aos conceitos de identidade e de representação delineados por Hall (2019) e Woodward (2006), faz-se necessário que pensemos na especificidade do digital como catalisador e mediador desses atores sociais e das práticas de significação atribuídas à essas identidades através das mídias sociais. Tratamos, aqui, o digital como uma caracterização do nosso mundo, marcado pela conexão através de tecnologias comunicacionais contemporâneas que se estabelecem cotidianamente através de sequências numéricas e que envolvem o suporte de material de equipamentos, de diversas redes de acesso, conteúdos compartilháveis e por plataformas de conectividade (MISKOLCI, 2017). Para o autor, “o que define a nossa era é a conexão em rede por meios comunicacionais tecnológicos” (2017, p. 23). Podemos articular as concepções de Miskolci com Turkle (1997), quando a autora diz que a internet “tornou-se um laboratório social significativo para a experimentação das construções e reconstruções do ‘eu’ que caracterizam a vida pós-moderna” (1997, p. 228, tradução nossa).

A fim de contextualizar e articular as táticas e práticas de uso na era digital, elegemos o conceito da tecnicidade e de socialidade de Martín-Barbero (2009) para amparar as discussões, a partir do modelo teórico-metodológico do seu Mapa das Mediações³¹. O objetivo desse mapa é de reconhecer que os meios de comunicação são responsáveis por condensar, nos dias de hoje, espaços de intersecção que são primordiais para as diferentes redes de poder e de produção cultural (MARTÍN-BARBERO, 2009). Nele, são articuladas as lógicas de produção, os formatos industriais, o consumo/recepção e as matrizes culturais.

Quando nos apropriamos dessas mediações propostas no mapa, conforme apontado por Martín-Barbero (2009, p. 15), estamos tentando pensar a hegemonia comunicacional do mercado na sociedade, isto é, “a comunicação convertida no mais eficaz motor de desengate e de inserção de culturas”. As mediações são como uma estrutura revestida nas práticas sociais cotidianas, configuradoras da relação com os meios (PIENIZ, 2014). Na concepção

³¹ No primeiro modelo explicativo a respeito das mediações criado pelo autor, os meios não surgem como um fator fundamental, pois a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural eram consideradas, até então, as matrizes culturais da comunicação. Com a transformação dos meios de comunicação, na segunda edição de sua obra, denominada *Dos meios às mediações*, surge o mapa das mediações comunicativas da cultura, (PIENIZ, 2014).

de Martín-Barbero, o conceito de “mediação” tem muito mais uma relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo. Sendo assim, “mediações comunicativas da cultura” referem-se não apenas aos produtos provenientes dela, mas também às relações sociais e políticas (MARTÍN-BARBERO, 2009). Segundo o autor, a comunicação e a cultura constituem um campo essencial de batalha política: o cenário atual exige que a política recupere a sua dimensão simbólica, isto é, a sua competência de representação do vínculo entre os cidadãos - o sentimento de pertencimento a uma comunidade -, para que esses indivíduos enfrentem uma deterioração coletiva. Entretanto, o mercado não pode assumir essa função, sedimentando tradições e concebendo inovações sociais, pois ele trabalha unicamente com rentabilidade (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Boa parte das análises de Martín-Barbero sobre as mediações estava relacionada aos usos do broadcasting ou, em particular, à televisão. O desenvolvimento e a expansão das chamadas novas mídias, da convergência digital e das tecnologias móveis, aliadas à possibilidade de fruição de bens culturais em múltiplas telas e ambientes, além da interatividade, e a associação desses elementos a uma nova dinâmica cultural globalizada fizeram com que Martín-Barbero procurasse dar maior atenção àquilo que chamou de *tecnicidade* – um tipo novo e particular de mediação (GIRARDI JUNIOR, 2018, p.163).

Em uma entrevista intitulada *Uma aventura epistemológica*, Martín-Barbero (2009a, p. 153) explica que com a transformação dos meios, “a comunicação se adensava diante da nova tecnicidade”, fenômeno ao qual ele vai chamar de “institucionalidade da tecnicidade”. A mediação da tecnicidade está entre as Lógicas de Produção (LP) e os Formatos Industriais (FI) no mapa das mediações comunicativas da cultura do autor. O autor também critica a colocação da tecnologia como uma “grande mediação” entre as pessoas e o mundo, para ele, o seu papel permeia a transformação da sociedade em mercado, e deste em intermediador da mundialização.

A tecnicidade, nesse contexto, assume o papel de um novo estatuto social da técnica. Diz respeito a como os indivíduos se relacionam com a tecnologia, considerando aquilo que empresas de comunicação no contexto globalizado, e orientadas às lógicas do lucro, oferecem de possibilidades de uso. Martín-Barbero (2009) irá apontar que a compreensão do funcionamento das Lógicas de Produção envolve uma tríplice indagação: a respeito da estrutura empresarial (em suas dimensões econômicas); da competência comunicativa (construção de públicos e audiências) e da sua competitividade tecnológica, ou seja, os usos

da tecnicidade e a sua capacidade de inovação nos Formatos Industriais. Nesse caso, a produção articula novas práticas, linguagens e experimentações, e também proporciona a transformação da técnica em “conector universal” nos processos de globalização (JACKS, SCHMITZ, 2018).

Tratando aqui especificamente do *Grindr*, como já mencionado anteriormente, Joel Simkhai (2013) revelou que a criação deste se deu justamente pela falta de opções para que usuários gays conhecessem outros parceiros no dia a dia. A questão da geolocalização segundo ele, sempre foi o diferencial tecnológico da mídia social frente ao seu público.

A estrutura tecnológica, que se dará também no espaço das redes informáticas, oferece possibilidades de usos sociais desses produtos, e esses usos são condicionados aos usos condicionados por essas empresas para os seus consumidores (MARTÍN-BARBERO, 2009), no *Grindr*, por exemplo, há um conjunto de normas e de campos que devem ser preenchidos pelos usuários. Apesar disto, cabe destacar o caráter criativo dos usos sociais dos quais Martín-Barbero (2009) se refere. Frente à “técnica”, consumidores também têm a capacidade de propor novos usos, podendo subverter as lógicas de apropriação originalmente desenhadas pela empresa. A tecnicidade, portanto, trata disso: da relação entre os interesses organizacionais, a tecnologia oferecida e os usos praticados. Descentralizando a materialidade técnica das práticas, o autor coloca o sujeito autônomo e criativo no centro da equação entre tecnologias e usos. A partir da tecnicidade, Martín-Barbero (2009) propõe um deslocamento da investigação: da tecnologia, para os seus usos sociais; ou, conforme sugerido pelo título da sua obra, “dos meios às mediações”. A partir desta articulação, podemos pensar, junto ao nosso objeto, a construção da identidade mediante os usos sociais do *Grindr* pelo público investigado. A mediação da socialidade, elemento sobre o qual discutiremos na subseção seguinte, pode adensar esse debate.

4.3 Identidade e socialidade na era digital

Em relação à construção da identidade na internet, a psicóloga americana Sherry Turkle (1997) se aproxima de Hall (2019) ao considerar a identidade como múltipla e fragmentada. Para a autora, o ambiente virtual nos permite atravessar espelhos, isto é, a internet proporcionou aos usuários uma experiência de personalidade múltipla. Através das

telas, os indivíduos têm a possibilidade de exercitar diversas identidades e “eus”, tudo simultaneamente. Na era digital, os corpos são representados através da descrição textual, pois é possível criar uma identidade tão fluida e múltipla que coloca em tensão os limites da representação. Identidade, afinal, refere-se ao equilíbrio entre duas qualidades, neste caso entre uma pessoa e o seu personagem ou, em alguns casos, personagens (TURKLE, 1997).

Segundo Turkle (1997), o desenvolvimento das múltiplas telas no computador³² foi uma invenção motivada pelo desejo de levar as pessoas a otimizarem o trabalho, através da possibilidade de mudança de uma tela para outra. Todavia, na prática diária de muitos usuários de computadores, as telas tornaram-se uma metáfora poderosa para pensarmos no “eu” como um sistema múltiplo e distribuído. O “eu” não interpreta diferentes papéis em diferentes cenários e momentos, mas sim é um “eu” desfocado que existe em vários mundos e desempenha diferentes papéis simultaneamente. Aqui a autora exemplifica da seguinte forma: na vida real um indivíduo pode acordar como amante, preparar um café da manhã como uma mãe e dirigir o seu carro para o trabalho como advogado. Nesse caso, esse indivíduo desempenha vários papéis, mas as convenções sociais não o permite exercer esses papéis todos ao mesmo tempo. Igualmente no teatro, onde as pessoas precisam entrar e sair de um personagem. Para Turkle (1997), a era digital, por outro lado, oferece identidades e vidas paralelas, e a experiência deste paralelismo nos incentiva a tratar vidas dentro e fora das telas com um grau surpreendente de igualdade. Essa vivência digital expande a metáfora das telas, pois quando as pessoas podem optar e/ou se apropriar de identidades diferentes, essas experiências no digital também podem tornar-se verdadeiras a ponto de convencionalmente compor as suas vidas reais.

[...] As telas de computador são agora os lugares onde nos projetamos em nossos próprios dramas, dramas dos quais somos produtores, diretores e estrelas. Alguns desses dramas são privados, entretanto cada vez mais somos capazes de atrair outras pessoas para eles. Telas de computador são o novo lugar para nossas fantasias, tanto eróticas quanto intelectuais. (TURKLE, 1997, p. 36, tradução nossa).

De acordo com a autora, “quando entramos em comunidades virtuais através da tela, reconstruímos nossas identidades através de um espelho. Esta reconstrução é um trabalho cultural contínuo” (TURKLE, 1997, p. 225, tradução nossa). Um exemplo dessas

³² Turkle (1997) irá falar de telas pensando em computadores, justamente pela época em que a sua pesquisa está inserida: ainda não havia as chamadas mídias sociais.

reconstruções citadas por ela, são os ambientes de salas de bate-papo, onde nesse caso podemos pensar no *Grindr*, quando ela diz que são combinações de interações em tempo real dos indivíduos uns com os outros, através da capacidade de assumir papéis tão próximos e/ou distantes das suas próprias identidades de acordo com as escolhas de cada um.

Nesse sentido, essas construções da identidade em comunidades virtuais podem ser amparadas pela discussão a respeito da mediação da socialidade de Martín-Barbero (2009). A mediação da socialidade, ou sociabilidade, se encontra entre as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção, e é fruto da trama das relações do cotidiano. Cabe diferenciarmos aqui a perspectiva do autor quanto à socialidade e a sociabilidade: enquanto a primeira remete ao contexto no qual os receptores conduzem suas práticas, a segunda se refere à interação entre os sujeitos e seus modos de conduta na vida social em comunidade (LIBARDI, PIEDRAS, 2017). Na perspectiva que adotamos nesta pesquisa, consideramos que essas relações tendem a ser alteradas no digital, articulando essa mediação com Miskolci (2017) e Turkle (1997).

De acordo com Martín-Barbero (2009), por sua vez, a *práxis comunicativa* tem seu ponto de ancoragem nessa mediação, que é resultado dos modos e usos coletivos da comunicação, da interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações com o poder. Do ponto de vista da sociabilidade, a comunicação é uma questão de fins, da constituição do sentido, do tornar-se ou não membro de uma comunidade (JACKS, SCHMITZ, 2018). Essa mediação se refere às relações nas quais se constituem as diferentes formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades (WOTTRICH, SILVA, RONSINI, 2009). Aqui essa mediação terá o papel de nos auxiliar a compreender como questões referentes à raça e a sexualidade são acionadas frente ao uso recreativo do *Grindr*.

A afirmação das identidades em ambientes *online* também perpassa um processo de classificação, através da busca por um pertencimento dentro de uma determinada esfera que se diferencia das demais (MISKOLCI, 2017). Articulando Simões, França e Macedo, Miskolci (2017) se apropria de um conceito de classificação na era digital similar àquele que nos vinculamos com os autores citados na primeira subseção, quando discutimos a respeito da identidade: a classificação aqui é tratada como um processo pelo qual os indivíduos tornam-se sujeitos e atores sociais apreendendo ou sendo guiados ao reconhecimento frente a determinadas identidades. Podemos associar essa ideia de classificação com a de

“celebração móvel” de Hall (2019) e a da natureza política da identidade como uma “produção”. Essas classificações também se aproximam das discussões de Turkle (1995) e Martín-Barbero (2009), na medida em que a identidade virtual é construída com base em decisões que são tomadas de acordo com o que se deseja mostrar ou ocultar, e na forma como o sujeito quer estabelecer as suas interações, que são frutos dos usos coletivos dos meios.

5 BREVES INCURSÕES SOBRE INTERSECCIONALIDADE

Como apontado por Hall (2019) e Woodward (2000), as identidades são construídas através da diferença. Por conseguinte, tratar de “marcadores sociais da diferença”, segundo Almeida et al. (2018), é designar a forma como essas diferenças são socialmente construídas e como elas podem compreender implicações que tangenciam hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdade. Esses marcadores dizem respeito a questões relacionadas com cor, raça, etnia, classe, gênero, sexualidade, território, entre outros. As diferenças instituídas socialmente não necessariamente configuram desvantagens ou desníveis de poder, riqueza e prestígio, mas frequentemente são destacadas por desigualdades no plano das representações sociais, que fornecem subsídios a posições e relações de exclusão e desigualdade (FRY apud. ALMEIDA et al., 2018).

Assim como Almeida et. al. (2018), Libardi também se vincula à ideia de “articulação”, mas se apropriando das ideias de Brah (2006 apud. LIBARDI, 2019), que trabalha com o conceito de interseccionalidade desde os Estudos Culturais, dialogando com Stuart Hall. Para ela, devemos pensar nos marcadores como relacionados entre si, e não unicamente como subordinados uns aos outros, pois assim “[...] podemos focalizar um dado contexto e diferenciar entre a demarcação de uma categoria como objeto de discurso social, como categoria analítica e como tema de mobilização política” (BRAH, 2006 apud. LIBARDI, 2019, p. 3). Esse movimento teórico permite considerarmos a capacidade de agência dos sujeitos frente às relações de poder, perspectiva central no paradigma dos Estudos Culturais ao qual nos aproximamos.

Ao nos apropriarmos das ideias de Almeida et. al (2018), podemos observar que as categorias classificatórias apresentadas nesse trabalho podem atravessar ou circular por diferentes domínios de relações numa abordagem interseccional. Para Almeida et al. (2018), categorias de sexualidade regularmente se inscrevem em matrizes classificatórias de raça, concebendo uma linguagem relevante para expressar hierarquias e desigualdades, como é o caso da nossa pesquisa. É através dos “marcadores sociais” e da ideia de “articulação” que Libardi (2019) define a perspectiva da interseccionalidade.

De acordo com Akotirene (2019), o pensamento interseccional também nos leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidos e de colaborarmos com certos tipos de violências, por conta da generalização frente às especificidades dos marcadores sociais.

Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas. Segundo o professor Cristiano Rodrigues, além disso, a interseccionalidade estimula o pensamento complexo, a criatividade e evita a produção de novos essencialismos (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

Para Libardi (2019), a discussão sobre esse conceito é extremamente útil para a comunicação. Isso porque, desde a consolidação dos Estudos Culturais, nós entendemos a profunda ligação entre os processos de comunicação e a produção de posicionamentos ideológicos variados, que compreendem diferentes naturezas de representações. O autor destaca aquelas baseadas nas concepções preponderantes de gênero, sexualidade, classe, raça, geração, entre outros marcadores sociais. A interseccionalidade pode servir como instrumento analítico para o desvelamento e análise dos códigos que solidificam o que tangencia gênero, sexualidade, classe e raça na mídia. O olhar interseccional articulado com os estudos de comunicação tem como competência a descrição e análise complexa do objeto empírico a partir do panorama dos marcadores sociais da diferença.

Nesta seção, iremos trabalhar com os marcadores sociais da raça e da sexualidade, articulando-os, a fim de compreendermos seus papéis no nível da identidade. A sexualidade será tematizada a partir da categoria “gay”; enquanto no marcador “raça” trataremos das especificidades da “negritude”.

5.1 Raça e negritude

Nas ciências sociais há uma discussão inacabada a respeito do uso das categorias raça/etnia/cor da pele³³, contudo, neste trabalho, optei pela apropriação de raça e não de

³³ Esse debate é apresentado por Abercrombie et. al. (1994) com a exposição de que alguns sociólogos não acreditam que a noção de "raça" tem relevância para o estudo da sociedade humana. Sendo assim, “a primeira tarefa deste ramo da sociologia tem sido negar a validade científica do conceito de "raça", e muitos sociólogos preferem "relações raciais" ou "relações étnicas" como a descrição de seu campo de estudos” (ABERCROMBIE et. al., 1994, p. 460, tradução nossa). Em uma pesquisa recente de estado da arte a respeito dos estudos de interseccionalidade no Brasil, Libardi (2019) constatou que o uso desses três termos se apresenta de forma imprecisa nas pesquisas a respeito dessa temática. Algumas consideram somente a categoria “raça” ou “etnia”; outros, os pares “raça/cor da pele” ou “raça/etnia”. Poucos estudos se dedicam a

etnia, por concordar que essa última está relacionada à construção das identidades, enquanto a primeira é um resultado das identidades em conjunto com a “instalação das relações de dominação” (LIBARDI apud. SILVEIRA, 2013, p. 55).

Com o objetivo de iniciar uma discussão a partir do termo “raça”, apresentamos o seu conceito concebido pelos estudos culturais:

Para os estudos culturais, ‘raça’ é um significante indicador de categorias de pessoas com base em determinadas características biológicas, incluindo a pigmentação da pele. Sendo assim, a distinção da abordagem dos estudos culturais ao tema reside no seu tratamento da raça como uma construção discursiva-performativa; ou seja, a raça é tratada como uma forma de identidade. A raça é entendida não como uma “coisa” universal ou absoluta existente, mas sim como uma categoria cultural contingente e instável [...]. Entendida como uma forma de identidade, a raça não existe fora da representação, mas é forjada como uma categoria significativa “em” e “por” simbolização no contexto das lutas de poder social e político. [...] De fato, uma compreensão antiessencialista da raça implica o reconhecimento de que essa é sempre articulada com outras categorias e divisões, como classe, gênero e etnia (BARKER, 2004, p.170, tradução nossa).

Bennett et. al. (2005) apresentam concepções similares à apresentada, destacando a centralidade da cor para a categorização racial. “A raça muitas vezes é relacionada com a cor de pele, especialmente quando os indivíduos se referem aos ‘não brancos’, um fetichismo que tem sido chamado de ‘epidermização’ ”(BENNETT et. al., 2005, p.290, tradução nossa).

Os conceitos expostos pelos dicionários resumem pontos primordiais para o entendimento da palavra “raça” pelo campo dos estudos da cultura: o primeiro deles é de que a raça ultrapassa as instâncias fenotípicas dos indivíduos, tornando-se uma faceta cultural e simbólica da identidade de indivíduos e grupos sociais. Sendo assim, ela também informa a autorrepresentação destes sujeitos no cotidiano do mundo social, e a representação dos mesmos nos discursos que circulam por instituições como a própria mídia. Todavia, essas definições não dão conta da complexidade desta categoria, principalmente no que tangencia o contexto brasileiro. Para compreendermos o enredamento do conceito de raça no Brasil, é necessário que façamos uma breve retomada histórica do termo.

Se, por um lado, os iluministas defendiam que as desigualdades sociais se apoiavam na diversidade humana, para os evolucionistas do século XIX esta desigualdade social é nula, pois o que é evidente são as diferenças raciais presentes nas diversas sociedades. Para

estabelecer um critério para o uso desses termos, ou um conjunto deles. O autor observou que não há um consenso teórico e uma operacionalização analítica desses conceitos.

Santos (2002, p. 53), “nesse momento, a ideia de raça passa a funcionar como catalisador e solução para todos os problemas”. Do diálogo entre o darwinismo e a antropologia social, consolidou-se a perspectiva da existência de uma raça pura, forte e sábia que eliminaria as raças mais fracas e menos sábias, desenvolvendo a eugenia. Assim sendo, não tardou para que os darwinistas sociais incentivassem o preconceito racial como estratégia para a higienização social (SANTOS, 2002). O racismo consiste em uma postulação fundamental na crença da existência de raças hierarquizadas dentro da espécie humana, o indivíduo racista acredita que existem raças superiores e raças inferiores (MUNANGA, 2009).

O ideal de inferioridade da raça negra passa a ser amplamente difundido com a transmissão da imagem do negro a partir das navegações: corpos fisicamente fortes, porém esteticamente precários (doentes, sujos, roupas rasgadas) e em condições de trabalho pesado e de submissão. Daí o caráter histórico e cultural da raça. Como apontado por Bennet et. al (2005), a raça frequentemente é vinculada à cor de pele, especialmente no que tangencia indivíduos considerados “não brancos”. Tratar do conceito de raça no âmbito dos estudos culturais, é considerar que em uma sociedade em que impera a supremacia branca, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial, isso porque a força homogeneizadora da identidade tratada como “normal” é diretamente proporcional à sua invisibilidade (SILVA, 2000). Por que nós não escutamos discursos estruturados sobre a identidade branca, masculina, burguesa, heterossexual etc.? É porque brancos, homens, burgueses e heterossexuais são vitoriosos, ocupando constantemente o topo da pirâmide social, política e econômica, por conseguinte, eles não necessitam de uma afirmação política com o objetivo de reivindicar e negociar o espaço que já está consolidado na sociedade (MUNANGA, 2012).

Barker (2004) trata a categoria de raça como “contingente e instável”, pois o seu significado está ligado temporariamente às práticas sociais. Sendo assim, podemos compreender a categoria raça como uma construção discursiva-performativa (BARKER, 2004), ou seja, construída no discurso, com base na repetição e surtindo efeitos simbólicos e concretos. Para Munanga (2009, p. 16) “se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis”.

Ou seja, o caráter não-essencialista de raça nos leva a compreendê-la como uma categoria forjada pela cultura, alimentando e sendo alimentada pela estrutura e pelas práticas microssociais. A partir deste conjunto de elementos históricos, sociais, culturais e políticos que se articulam a partir da raça, podemos discutir acerca da questão da negritude e da identidade negra.

Falar da identidade negra significa que esta identidade passa, em seu processo de construção, pela cor da pele. O que significaria que essa identidade tem a ver com a tomada de consciência da diferença biológica entre “Branços” e “Negros”, “Amarelos” e “Negros” enquanto grupos. É importante frisar que a negritude embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes (MUNANGA, 2012, p. 12).

A identidade negra não é meramente fruto de uma simples tomada de consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos (MUNANGA, 2009). A negritude e/ou a identidade negra se trata de uma trajetória em comum, que liga de uma forma ou outra todos os grupos de indivíduos que o olhar ocidental “branco” reuniu sob o nome dos negros:

A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. Lembremos que, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural, e seus habitantes como o elo entre o Homem e o macaco (MUNANGA, 2009, p. 20).

Munanga (2012), ao tratar do conceito de negritude, também resgata a construção histórica apresentada por Santos (2002), quando aponta que a identidade negra é fruto do olhar construído pelo mundo ocidental branco sob os negros. Sendo assim, a negritude é uma reação racial negra a uma agressão racial branca, e para que tenhamos pleno entendimento desse conceito, devemos aproximá-lo do racismo do qual é consequência e resultado (MUNANGA, 2009).

Atrocidades já foram cometidas na história por grupos de indivíduos que tomaram o racismo como premissa: como o genocídio de milhões de índios nas Américas e a eliminação sistemática de milhões de judeus e ciganos durante a Segunda Guerra Mundial. Além do antissemitismo, a conservação de mecanismos de discriminação racial na África do Sul durante o *Apartheid* nos Estados Unidos, na Europa, em todos os países da América do Sul e também encabeçados por outros lugares do mundo, inclusive pelo Brasil, comprovam que o racismo é um fato que concede à raça a sua verdadeira realidade, que é política e social (MUNANGA, 2009). Todavia, além da história, outros fatores são constitutivos da identidade negra, como as religiões, artes, medicinas, tecnologias, ciências, educação, visões do mundo etc. (MUNANGA, 2012). Para o autor, a identidade também é construída baseada na tomada de consciência das diferentes particularidades de cada cultura (MUNANGA, 2003).

De acordo com Fanon (2008), embora o movimento de afirmação e reconhecimento das identidades negras se sustentem através da negritude e de outros elementos que a compõe, quando o negro é desprovido de atributos que sejam favoráveis a seu respeito, internaliza aqueles determinados pela cultura à qual pertence e se apropria desses objetivamente e subjetivamente. Ou seja, a manutenção da crença de que os negros são inferiores aos brancos, silenciosamente perpetua um complexo de inferioridade do negro, e logo ocorre uma “epidermização” dessa identidade (FANON, 2008, p. 28). Esse conceito também é utilizado por Bennett et. al. (2005) ao falar sobre a raça e a sua referência aos “não brancos”.

Essa apropriação epitelial da branquitude³⁴ possibilita que grande parte da população negra sucumba ao lugar de vítima, pois “para o negro não há senão um destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca” (FANON, 2008, p. 188). Sendo assim, ser negro é cumprir com os propósitos da “raça branca”, resistir àquilo que o homem branco lhe reservou, pois os negros são construídos socialmente como negros (GORDON, 2008).

³⁴ Esse conceito é uma construção entendida por diversos autores para pontuar privilégios, sejam eles sócio-históricos e/ou simbólicos, que os brancos têm diante dos não brancos na sociedade. O ideal de “branco” sempre foi promovido e normalizado como um modelo ideal de padrões de aceitação que devem ser seguidos.

Consoante as ideias de Fanon (2008), e tratando especificamente dos processos de identidade cultural no Brasil, para Munanga (2003) esses processos acabam revelando-se plurais, tanto entre negros, quanto entre brancos e amarelos, pois esses indivíduos são entendidos como sujeitos históricos e não biológicos ou raciais.

De acordo com o mesmo autor, a situação do negro é uma situação de exclusão. Em contraponto a Barker (2005), que considera que a categoria raça pode ser articulada com a categoria de classe, Munanga (2009) defende a ideia de que pouco importa analisar a classe social do negro de forma isolada, porque as práticas racistas impedem-no de acesso na participação e ascensão econômica: “ao separar raça e classe numa sociedade capitalista comete-se um erro metodológico que dificulta a sua análise e os condena ao beco sem saída de uma explicação puramente economicista” (MUNANGA, 2009, p. 19).

A negritude deve ser analisada também como uma afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas, pois se refere a uma tomada de consciência de um grupo vítima de uma condição histórica de inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental (MUNANGA, 2009). Essa afirmação é consoante com o conceito de raça apresentado por Bennett et. al. (2005) na medida em que a raça pode determinar e influenciar a maneira como as pessoas se veem e como são vistas. A negritude, nesse sentido, é a tomada de consciência coletiva a respeito da forma como esse grupo é visto e se vê.

Esse status de afirmação conferido à negritude não pode permanecer na conjunção de aceitação passiva, pois deixou de ser refém do ressentimento e culminou em revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em “armas de combate” (MUNANGA, 2009). A negritude tornou-se uma convocação constante de todos os herdeiros dessa condição para que se envolvam na luta, a fim de regenerar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas (MUNANGA, 2009). Olhando dessa forma para os homens e mulheres descendentes de africanos no Brasil e em outros países do mundo, a revalorização e a aceitação da sua herança africana faz parte de um processo de resgate ancestral de sua identidade. A negritude integra a sua luta pela busca de uma reconstrução identitária positiva.

A busca da identidade negra não é, no meu entender, uma divisão de luta dos oprimidos. O negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver,

embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade. Entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política etc. Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva (MUNANGA, 2009, p. 20).

Recuperar essa identidade significa, primeiramente, aceitar os atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, uma vez que o corpo compõe a sede material de todos os aspectos da identidade (MUNANGA, 2009).

Em suma, como vimos, a negritude é constituída de elementos bastante complexos, alguns de caráter saudosista, através da busca de um conhecimento histórico, contemplativo, ancestral. Outros, com característica política, ideológica, de resistência. Neste primeiro momento, nos preocupamos em debater a respeito da categoria raça concomitante com as noções de negritude e identidade negra, a fim de pensá-la de forma articulada com outra categoria (BARKER, 2004), a de sexualidade, que será exposta a seguir.

5.2 Sexualidade e desejo

A eclosão dos movimentos sociais com pautas ligadas à sexualidade, como o feminismo e a liberação gay na década de 1960 nos Estados Unidos, aconteceu em paralelo à ascensão de movimentos fundamentalistas conservadores igualmente preocupados com o corpo, o gênero e a sexualidade. Questões como a homossexualidade, o aborto e a educação sexual, originaram uma série de controvérsias amargamente contestadas a nível global. Ao mesmo tempo, a epidemia do HIV/AIDS também dramatizou o significado da saúde sexual e a sua vinculação com as questões de identidade, diversidade, divisão social e valores opostos (BENNET et. al., 2005). Por conseguinte, há uma nova incerteza no que tangencia os significados da sexualidade (WEEKS apud. BENNET et. al., 2005). Isso porque não podemos mais procurar uma solução nas definições de cientistas sexuais ou especialistas. Ou seja, devemos questionar a ideia da sexualidade como um dado da natureza. A linguagem da sexualidade também parece ser avassaladoramente masculina (WEEKS, 2000). A metáfora utilizada para descrevê-la como “instinto” ou “impulso” soa como algo derivado de suposições sobre a experiência masculina.

Este movimento epistemológico permite repensar os significados do erótico e do corpo, *locus* de inscrição material e performática da sexualidade e do desejo. Os teóricos contemporâneos justamente questionam essa ideia de naturalidade e inevitabilidade porque sugerem que o conceito de sexualidade incorpora uma série de atividades que não têm conexão necessária ou intrínseca: discursos, instituições, leis, regulamentos, arranjos administrativos, teorias científicas, práticas médicas, relações familiares, organizações, padrões subculturais, práticas éticas e morais, os arranjos da vida cotidiana (BENNETT et. al., 2005). A abordagem dos estudos culturais, preocupada com o caráter histórico e cultural das categorias, define “sexualidade” da seguinte forma:

A ideia do sexo, que parece tão fundacional à própria noção de sexualidade, é um produto dos discursos. [...] Assim, a sexualidade pode ser vista como uma narrativa, uma complexidade das diferentes histórias que dizemos uns aos outros sobre o corpo (Plummer, 1995), uma série de roteiros através dos quais nós promulgamos a vida erótica (Gagnon e Simon, 1973), ou um conjunto intrincado de performances através do qual o sexual é inventado e encarnado (Butler, 1990). (BENNETT et. al., 2005, p.320, tradução nossa).

Como apontado por Bennet et. al., (2005), a sexualidade tornou-se o foco da luta cultural e política ao mesmo tempo em que passou a ser objeto de estudo da psicanálise via Freud e Lacan e, mais tarde, de filósofos pós-estruturalistas como Michel Foucault e Judith Butler.

Para Woodward (2000, p. 15), o corpo “é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual”. Segundo a autora, a forma como as nossas identidades sexuais são vividas, também são mediadas pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos através de sistemas dominantes de representação, como as que circulam na mídia. De acordo com Weeks (2000), é através do corpo que vivenciamos tanto o prazer quanto a dor, por conseguinte, nós não experienciamos nossas necessidades e desejos sexuais como acidentais ou como somente como produtos da sociedade, pois eles se encontram profundamente entranhados em nós como indivíduos.

Qual é a relação entre, de um lado, o corpo, como uma coleção de órgãos, sentimentos, necessidades, impulsos, possibilidades biológicas e, de outro, os nossos desejos, comportamentos e identidades sexuais? O que é que faz com que esses tópicos sejam tão culturalmente significativos e tão moral e politicamente carregados? Essas e outras questões têm se tornado cruciais nos recentes debates sociológicos e históricos. Tentando respondê-las, argumentarei que embora o

corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. (WEEKS, 2000, p. 36)

Questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual dos indivíduos incessantemente estiveram no centro das preocupações ocidentais. Conforme apontado por Foucault (2017) em sua genealogia da história da sexualidade, o sexo não chegou a ser verdadeiramente algo “não dito” – a todo momento ele foi insistentemente colocado em discurso por diferentes agentes e instituições. Até meados do século XIX, essas preocupações encontravam-se no âmbito da religião, do campo jurídico e da medicina, sendo pautadas pela perspectiva da filosofia moral e apoiada no discurso biológico³⁵. Desde então, tais questões têm se tornado a preocupação de diversas áreas, profissionais, especialistas e reformadores morais. No final do século XIX, o tema ganhou a sua própria disciplina, a sexologia, que tem por base a psicologia, a biologia, a antropologia, a história e a sociologia. Isso teve demasiada importância no estabelecimento dos termos do debate a respeito do comportamento sexual. Nesse sentido, é possível observarmos que a sexualidade extrapola a preocupação individual: ela é crítica e política (WEEKS, 2000). Em síntese, o termo “sexualidade” é aqui utilizado como uma descrição coletiva para uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Foucault chamou de “o corpo e seus prazeres” (WEEKS apud FOUCAULT, 2000). Em resumo, há um deslocamento do modo em se tratar a sexualidade: de uma abordagem biologizante, para uma sociocultural.

Falamos todo o tempo sobre o "instinto ou impulso do sexo", vendo-o como a coisa mais natural. Mas é isso mesmo? [...] a sexualidade é, na verdade, "uma construção social", uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: O sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas. Isso tem profundas implicações para nossa compreensão do corpo, do sexo e da sexualidade, implicações que precisaremos explorar (WEEKS, 2000).

³⁵ As ideias darwinianas também tiveram fortes influências no que *tangencia* à sexualidade no final do século XIX, havia uma ênfase muito comum no sexo como um "instinto", expressando as necessidades fundamentais do corpo. Isso reflete uma preocupação da ciência da época em buscar explicar todos os fenômenos humanos em termos de forças identificáveis, internas, biológicas. Atualmente, estamos mais predispostos a falar sobre a importância dos hormônios e genes na moldagem de nosso comportamento, mas a ideia de que a biologia é o centro de todas as investigações perdura, uma suposição que é ainda mais vívida quando falamos a respeito da sexualidade.

As construções sociais da sexualidade se referem aos atos sexuais fisicamente idênticos que podem ter variadas significações na sociedade e variado sentido subjetivo, dependendo de como eles são definidos e compreendidos em diferentes períodos históricos e culturais. Sendo assim, um ato sexual não carrega por si nenhum sentido social universal, e sim estabelece uma relação projetada entre atos sexuais e identidade sexuais, a partir do local e da época do observador. As culturas subsidiam categorias, esquemas e rótulos muito diferentes a fim de enquadrar experiências afetivas e sexuais. “A relação entre o ato e a identidade sexual, de um lado, e a comunidade sexual, de outro, é variável e complexa” (WEEKS, 2000, p. 39).

[...] A sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos); com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades. Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros — pelo bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde — ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos (WEEKS, 2000, p. 47).

Weeks (2000) aponta que a emergência dos termos “heterossexualidade” e “homossexualidade” indicam um estágio crucial na delimitação e definição da sexualidade na modernidade. Esse primeiro, inclusive, foi criado com a tentativa de definir o segundo, isso é, a forma “anormal” de sexualidade. De acordo com Fry e MacRae (1985, p. 7), “a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. Louro (2000, p. 18) aponta que “a produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade”:

Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente inculcado na produção da identidade masculina. Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação. (LOURO, 2000, p. 18)

De acordo com Weeks (2000), o desenvolvimento desses dois termos deve ser visto integrante de um grande esforço, no final do século XIX e início do XX, para delimitar mais rigorosamente os tipos e as formas de comportamento e das identidades sexuais; e é nesse

momento que a homossexualidade e a heterossexualidade assumem papéis imprescindíveis e divergentes. Durante esse processo, as implicações de ambos os termos foram denotando coisas diferentes sutilmente. A homossexualidade, ao invés de descrever uma variante benigna da normalidade, tornou-se uma descrição médico-moral. Enquanto a heterossexualidade foi utilizada para descrever uma norma até então pouco teorizada, passando a ser utilizada no decorrer do século XX – mais lentamente do que o outro termo, que era o seu par. Nesse sentido, uma norma não precisa de uma definição explícita; ela acaba se tornando o quadro de referência que é provido como um dado “natural” para o modo como pensamos.

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX, e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada. As mudanças que ocorreram a partir do século XIX reconfiguraram o discurso da homossexualidade: ela se tornou uma categoria sociológica e científica, classificando a perversidade sexual de uma forma diferente, e isso teve efeitos na prática médica e legal, construindo a ideia de uma natureza distintiva e, quem sabe, puramente homossexual. A expansão dos espaços urbanos, que aconteceu a partir do século XVIII, tornando possível tanto a interação social quanto o anonimato, também foi um fator crucial no desenvolvimento de uma subcultura homossexual (WEEKS, 2000).

Conforme a sociedade civil nos países do ocidente foram se tornando mais complexas, desde a industrialização à globalização (WEEKS, 2000), a homossexualidade vem se tornando uma “opção”, uma escolha, a qual os indivíduos podem seguir de uma forma que era inimaginável há alguns poucos anos. A noção da “escolha” pela homossexualidade parece-nos problemática tendo em vista que a sexualidade não é questão de opção, mas sim de construção subjetiva individual em seus diversos níveis (culturais, psicanalíticos, etc.). Compreendemos, a partir dos dados históricos levantados por Miskolci (2017), a possibilidade da “escolha” por atrelar-se ao que podemos chamar de uma identidade gay. Essa identidade, histórica, cultural e em eterna construção, compartilha de códigos mais ou menos estáveis e inteligíveis que podem informar sobre a sexualidade desses homens gays. Práticas de consumo - de moda, literatura, cinema e música, por

exemplo -, alimentam o imaginário social sobre o que é uma identidade gay. Para a consolidação de uma identidade gay coletiva, a mídia adquire papel central (com seus prós e contras). Além dela, hoje, pelo menos em grandes centros urbanos, é possível falarmos em bairros gays, bares gays, saunas para gays e, de forma desespecializada, em aplicativos de relacionamento para gays, como é o caso do *Grindr*. A existência de um modo de vida gay proporcionou para as pessoas, pelo menos nos centros urbanos do Ocidente, uma gama maior de possibilidades para se conhecer, explorar e gozar o desejo erótico.

Para Miskolci (2017), a construção social do desejo e a forma como os sujeitos negociam esse desejos com os padrões e convenções morais em curso designa-se “agência”. A agência sexual surge como algo dinâmico e situacional que pode anteceder a ação. Nessa perspectiva, o desejo não é intrínseco ao sujeito e não é imposto por nenhum mecanismo externo, ele é “um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social” (MISKOLCI, 2017, p. 27).

Por muito tempo, sem ter sua historicidade aceita, o desejo permaneceu refém de saberes médicos e psicológicos, os quais entenderam-no como um fator de análise individual. Esses saberes foram pouco receptivos quanto ao seu enquadramento cultural e social (MISKOLCI, 2017). Todavia, há elementos fundamentais como a ordem política e econômica, que fazem o desejo tangível, inibido ou proibido. Esses elementos são históricos e culturais, variando no tempo e no espaço de acordo com as relações de poder hegemônicas, por exemplo, em definições religiosas, médicas, jurídicas, sobre o que é considerado tolerável, recusado ou aceitável³⁶. O desejo, nesse sentido, é construído socialmente e está longe de ser uma força natural, instinto ou pulsão. Sendo ele cultural e histórico, e por ter o corpo como seu lugar de produção e consumação, o desejo evoca uma centralidade tal que, do desejante e do objeto desejado, constitui-se uma identidade ou uma cultura, como é o caso da “cultura gay”.

Dessa capilaridade de uma “cultura gay” em muitas sociedades contemporâneas ocidentais, surge como resposta o discurso do gay como alguém perigoso. Portanto, apesar

³⁶ Foucault, em sua genealogia sobre o poder no primeiro volume de *A história da sexualidade*, já discorre sobre a patologização das práticas sexuais que escapassem das normas instituídas pela Igreja e pelo Estado através de suas biopolíticas. No entanto, diferente de Miskolci, Foucault não está interessado na elaboração do desejo no nível microssocial, não apontando táticas ou possibilidades de agência para a efetivação do desejo dissidente.

dos avanços tanto teóricos na compreensão da sexualidade, quanto progressos na sociedade civil, os homossexuais ainda são vistos como uma ameaça ligada ao status moral, estejam eles situados à esquerda ou à direita da sombra política. Para Weeks (2000), a existência de identidades lésbicas e gays vistas de formas “positivas” significa a pluralização crescente da vida social e da expansão das escolhas individuais que essa diversidade oferece (WEEKS, 2000). Para Miskolci (2012), essas identidades “positivas” muitas vezes estão associadas com a heteronormatividade, que nada mais é do que um regime de visibilidade e um modelo social regulador das formas como os indivíduos se relacionam. Nas classes médias e altas urbanas, principalmente as metropolitanas, pessoas que se interessam pelo mesmo sexo ganharam alta notoriedade e visibilidade. Por conseguinte, não é factível dizermos que se nega a elas a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige que essas pessoas cumpram certos tipos de regras relacionadas aos papéis de gênero e a um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo de inquestionável por todos e todas (MISKOLCI, 2012).

A experiência da adjeção deriva do julgamento negativo sobre o desejo homoerótico, mas sobretudo quando ele leva ao rompimento de padrões normativos como a demanda social de que gays e lésbicas sejam “discretos”, leia-se, não pareçam ser gays ou lésbicas, ou, ainda, de que não são desloque os gêneros ou se modifiquem os corpos, o que, frequentemente, torna meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transsexuais vítimas de violência (MISKOLCI, 2012, p. 44).

Se por um lado, na sociedade ocidental contemporânea, a existência de um “modo de vida gay” dá entrada para que os indivíduos conheçam as suas necessidades e desejos, sob formas que na maioria das vezes eram inconcebíveis até pouco tempo atrás (WEEKS, 2000), por outro, ser homossexual também constitui um papel identitário marcado pela diferença, na medida em que o indivíduo destoa da identidade hegemônica de heterossexualidade através dos papéis de diferenciação que distinguem as identidades sexuais (WOODWARD, 2000). Para Ariès (1985), os homossexuais formam um grupo coerente e ainda marginalizado, mas que tomou consciência de uma forma de identidade, reivindicando direitos contra uma sociedade dominante que ainda o rejeita, mas que se encontra abalada em suas incertezas.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Conforme mencionado na seção sobre os Procedimentos Metodológicos, foram entrevistados oito usuários que tinham a informação *etnia*³⁷ preenchida como negro no perfil do *Grindr*. A seguir, iremos descrever os dados coletados, partindo para a exploração e sistematização do material a partir do *software NVivo*, para seguir com a interpretação desses dados pela perspectiva da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Iniciaremos a presente discussão apresentando cada um dos entrevistados, e logo em seguida, apresentaremos o preenchimento da tabela que contém as informações disponíveis nesses perfis.

Diogo reside na região metropolitana de Porto Alegre, cursa o ensino superior, tem 26 anos e mora com a família. Maurício tem 21 anos, cursa o ensino superior em administração e divide o apartamento com amigos na região central de Porto Alegre. Davi tem 22 anos e está cursando o ensino superior em gestão, também divide apartamento com amigos e trabalha como vendedor em uma loja de eletrônicos. Vitor tem 21 anos, trabalha e mora com a avó em Porto Alegre. Denis tem 35 anos, é estudante de pós-graduação em saúde e mora com o namorado - com o qual mantém um relacionamento aberto - na região metropolitana de Porto Alegre. Fernando tem 24 anos, é soropositivo, trabalha, faz graduação em história e mora com a família na região central de Porto Alegre. Jorge tem 19 anos, é estudante de psicologia, faz estágio num hospital e mora com os pais na região metropolitana de Porto Alegre. Juan, o último entrevistado, tem 40 anos, superior completo, é músico, trabalha com produção musical e reside em Porto Alegre. Abaixo é possível visualizar a tabela que contém as informações expostas nos seus respectivos perfis.

³⁷ Por mais que nesta pesquisa tratemos do conceito de raça, *etnia* é o terminologia utilizada pelo *Grindr* no momento do preenchimento dessa informação no perfil, conforme pode ser visualizado na Tabela 3.

Tabela 4 – Informações preenchidas nos perfis dos entrevistados

Informações	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6	Entrevistado 7	Entrevistado 8
	Diogo	Maurício	Davi	Vitor	Denis	Fernando	Jorge	Juan
Descrição das fotos	Três fotos (ambas sem camiseta, mostrando rosto)	Quatro fotos (duas sem camiseta e duas apenas do rosto)	Quatro fotos (a primeira de roupa íntima, outras duas sem camiseta, e uma na academia, ambas mostrando rosto)	Dois fotos (ambas de regata justa e rosto perceptível).	Quatro fotos (todas apenas de rosto)	Três fotos (todas apenas de rosto)	Cinco fotos (todas mostrando o rosto, a segunda é sem camisa).	Dois fotos (ambas mostrando o rosto, a primeira delas sem camisa).
Nome	D...	M.	...	Vit.	☹ Bolsominions	Fernando	Jorge com local	-
Sobre mim	"Uma conversa antes de qualquer coisa. Raramente respondo os perfis sem foto".	"Não vou te responder nunca sem teu rosto. Não troco e nem quero nudes".	-	-	"Poor is the man whose pleasures depend on the permission of another" "Olhos de cão azul; A mão esquerda da escuridão; cem anos de solidão; O coração é um caçador solitário; O amor é um cão dos diabos; Caim; Sandman".	"Podemos conversar. - Não tenho corpo malhado! ☹ aos desesperados por Relacionamento sério no primeiro Oi ☹ Aqueles que tem lista extensa do que não "curtem" em alguém". ☹ GP's"	Sejam mais: oi vamos, com local as vezes, tudo é válido. Vamos conversar sobre coisas aleatórias, universo e sobre minha boca na tua rrsr/XXXXXX (número de telefone) chama lá.	Papo pra começar. Curto taps, pelos e cérebro. Obs: foto, por favor.
Idade	-	21	-	21	35	-	19	40
Altura	1,70cm	1,63 cm	1,72 cm	1,87 cm	1,77 cm	1,68 cm	1,78 cm	1,81 cm
Peso	57 kg	-	77 kg	71 kg	70 kg	65 kg	62 kg	84 kg
Etnia	Negro	Negro	Negro	Negro	Negro	Negro	Negro	Negro
Porte físico	Magro	-	Grande	-	Magro	Comum	Magro	Comum
Posição	-	Versátil ativo	-	Ativo	Ativo	Versátil passivo	Versátil	Versátil ativo
Tribos	-	-	-	-	-	Solteiro	Garotos	Malhadinho
Relacionamento atual	-	Solteiro	Solteiro	-	Relacionamento aberto	-	Solteiro	Solteiro
Em busca de	-	Amigos, contatos, relacionamento, agora	Conversa, Encontros, Contatos, relacionamento	Agora	-	Encontros, Amigos, Contatos, agora	Conversa, Encontros, Amigos, Contatos, Agora	Conversa, Encontros
Local de encontro	-	Sua casa	-	-	-	-	-	-
Aceitar fotos NSFW	-	Não no começo	-	-	-	-	Sim, por favor.	-
Gênero	-	Homem cis	-	-	Homem Cis	-	Homem Cis	-
Pronomes	-	-	-	-	Ele/dele	-	Ele/Dele	-
Status HIV	-	Negativo	Negativo	Negativo	-	-	Negativo	Negativo
Data do último teste	-	Mai de 2019	-	Setembro de 2019	-	-	-	Julho de 2019
Instagram	Link	-	-	-	-	-	-	-
Twitter	-	-	-	-	-	-	-	-
Facebook	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Autores.

6.1 Práticas e usos do *Grindr*

Nesta subseção exploraremos as práticas dos entrevistados relacionadas aos usos do *Grindr*. Iremos apresentá-las individualmente e logo depois, articularemos os dados em conjunto, a fim de identificarmos pontos em comum e particularidades.

Quanto ao primeiro entrevistado, Diogo conhece parceiros afetivos e/ou sexuais exclusivamente pela mídia social, mas costuma usar outros aplicativos, como o *Tinder*³⁸ e o *Hornet*³⁹. No primeiro, de acordo com ele, “nunca rola nada”, porque depende de *matches* e de conversas, o segundo, ele o vê mais como uma rede social do que como um aplicativo de encontros. Ele utiliza o *app* há cerca de um ano e meio e, quanto aos hábitos de uso, declara que o *Grindr* se tornou quase um “vício”. O uso é contínuo durante o dia, algo como um passatempo. Perguntado sobre a experiência buscada na plataforma, disse que procura um relacionamento mais sério, por mais que saiba que seja difícil no aplicativo, que segundo ele está intrinsecamente ligado ao “sexo momentâneo”. Ele se vê no *Grindr* como um usuário que entrou procurando amizade e relacionamento sério, mas acabou nas perguntas e nas respostas automáticas⁴⁰: “o que eu mais temia virar, eu virei” (informação verbal⁴¹). Informações como: posição sexual, relacionamento atual, local de encontro, status HIV, *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, não são preenchidas porque pela lógica de uso que ele faz da plataforma, não é algo bom esgotar todos esses dados logo de cara. O entrevistado comenta: “então deixo só o necessário para a gente ter mais o que conversar” (informação verbal⁴²).

Maurício é usuário do *Grindr* desde 2016 e costuma deletar o aplicativo e reinstalar. O seu retorno se dá justamente por “querer muito transar momentaneamente” (informação verbal⁴³). O aplicativo é deletado com frequência por conta da abordagem das pessoas, que segundo ele é muito mais sexual e casual. Quanto aos hábitos de uso, ele acessa com frequência no período da noite e de madrugada, que, segundo o mesmo, é quando a “libido está explodindo” (informação verbal⁴⁴). Ele busca por relacionamentos e amizades. Maurício

³⁸ O *Tinder* É um aplicativo de localização para encontros românticos *online*. Ele cruza informações do *Facebook* e do *Spotify*, localizando as pessoas geograficamente próximas. O usuário só pode conversar com o outro se ocorrer o *match*.

³⁹ É um aplicativo de encontros destinado ao público LGBT+, e não há a necessidade de *matches* para que os usuários iniciem as conversas. Ao contrário do *Grindr*, no *Hornet* é possível que os usuários sigam uns aos outros, comentem e curtam as fotos, e criem um álbum de fotos privadas. Esse tipo de álbum só é liberado quando o dono do perfil permite o acesso.

⁴⁰ Algumas das perguntas e respostas automáticas consideradas por ele são: “Oi, tudo bem?”, “Qual a sua posição sexual?”, “Você tem local [para o sexo]?”.

⁴¹ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁴² DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁴³ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

⁴⁴ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

também é usuário do *Tinder*, onde costuma ter mais encontros, pois no *Tinder*, ao contrário do *Grindr*, há implicitamente o ritual de sair e conversar com os indivíduos. Ele declarou que se sente mais exposto no *Grindr* do que em outros aplicativos, pelo recurso da geolocalização e pelo molde do aplicativo permitir que qualquer outro usuário converse com ele. No *Tinder*, ao contrário, é necessário um *match* para a interação poder acontecer. As fotos escolhidas em ambos os aplicativos também se diferem, visto que o primeiro tem um apelo sexual. As informações referentes às mídias sociais não são preenchidas por ele no *Grindr* por optar não se expor.

Davi é usuário do *Grindr* desde 2015 e é através deste que geralmente conhece os seus parceiros afetivos e/ou sexuais. Ele busca “conhecer pessoas e ver o que pode rolar de bom”. O entrevistado costuma usar o aplicativo comumente no período da noite ou da tarde, nos intervalos do trabalho. É comum que o *Grindr* também seja aberto em momentos de lazer, como em bares com amigos. O *Tinder* é outro aplicativo utilizado, todavia, lá ele não costuma ter tantos encontros, pois neste é necessário que haja conversas [logo depois do *match*], e o recurso de geolocalização funciona diferente do *Grindr*. Ele explica: “eu acho mais prático o *Grindr*, você vê a questão da localização da pessoa, geralmente as pessoas estão com o mesmo intuito que o seu” (informação verbal⁴⁵). O *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* são considerados pessoais demais para serem expostos no perfil, visto que ele costuma passar essas redes exclusivamente para pessoas relevantes as quais gostaria de manter contatos mais duradouros.

Vitor é usuário do *Grindr* desde 2016, e conhece parceiros exclusivamente através deste *app*, não utilizando outras plataformas. O uso se dá principalmente no período noturno ou nos intervalos do trabalho, durante a tarde. A experiência buscada no aplicativo é exclusivamente sexual. Ele declara que costuma deletar o aplicativo com frequência, quando “enjoa” das pessoas, e retorna quando quer ter relações sexuais. Vitor destaca que quando acessou o *Grindr* pela primeira vez, achava que aquele era um aplicativo de relacionamentos como qualquer outro, citando como exemplo o *Tinder*, mas que a sua percepção mudou junto com a disposição do seu perfil, que se tornou mais sexual. Esse é o motivo pelo qual ele também não expõe as suas redes sociais (*Instagram*, *Facebook* e *Twitter*).

⁴⁵ DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

Quando eu entrei nele, há um tempo, não conhecia muito, eu achava que era um aplicativo de relacionamento como qualquer outro, sabe? O *Tinder*, coisas assim, e eu até buscava outras coisas além de sexo, amizade, relacionamento, etc., mas quando eu comecei a perceber que a maioria das pessoas só está lá por algo casual, rápido e sem acontecimentos posteriores, comecei a pensar “bah, não adianta eu ficar aqui tentando, esperando que eu vá encontrar alguém legal, porque não, a maioria das pessoas aqui não querem isso”. É como aquele ditado: não pode contra eles, junte-se a eles, basicamente. Aí eu fui alterando, já que as pessoas só querem sexo, vou tornar meu perfil uma coisa que seja atraente para elas, porque é isso que eu quero agora também (Informação verbal⁴⁶).

Denis é o quinto entrevistado, usa o *Grindr* desde 2016, e o aplicativo é a sua ponte exclusiva para conhecer novos parceiros, visto que é acordado no seu relacionamento essa restrição. Ele também já usou o *Hornet*, mas não obteve sucesso nos encontros justamente porque, para ele, a plataforma está se tornando um novo “*Instagram*” para o público gay, com os seguidores, curtidas nas fotos, etc. Ou seja, a ideia é “inflar o ego” e não ter encontros, de fato. Quanto à experiência almejada na plataforma, ele admite que há um fundo sexual, entretanto, acredita que “sexo por sexo não tem graça” (informação verbal⁴⁷), então gosta de criar amizades e de conversar com os usuários antes de manter relações sexuais. O uso se dá principalmente no período noturno, ou nos intervalos da pós-graduação, durante a tarde. As informações sobre *Instagram* e *Twitter* não são colocadas porque o usuário não possui perfis nessas redes sociais, todavia, o *Facebook* é usado apenas para fins políticos e é considerado como “pessoal demais”.

Fernando é usuário do *Grindr* também desde 2016, e é exclusivamente através deste que costuma conhecer parceiros afetivos e sexuais. Ele costuma usar o aplicativo com mais frequência pela manhã e à noite, entretanto, durante o dia abre-o algumas vezes apenas para marcar o seu perfil na região em que se encontra e conseqüentemente, ser chamado por esses indivíduos. Ele conheceu seus três ex-namorados no aplicativo. Seus relacionamentos terminaram em meio a casos de agressões físicas e traições com esses ex-namorados. Por isso, a sua busca no aplicativo passou a se restringir ao sexo, e essa mudança passou a se refletir na construção do seu perfil. Também não há links para o *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* por questões de privacidade.

⁴⁶ VITOR. **Entrevista IV**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

⁴⁷ DENIS. **Entrevista V**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

Algumas [alterações] eu vou tentar lembrar, porque eu já fiz várias, até chegar no perfil de hoje que eu comecei com uma questão de encontros, relacionamentos e amigos, uma coisa mais “vamos nos relacionar, vamos sair”, e aí eu vi que eles são muito focados em sexo, sexo, sexo mesmo, então eu aos poucos fui entrando nesse mundo aonde a gente vai. Se as pessoas querem sexo também, então vamos moldar, aí fui mudando o perfil para ficar assim (Informação verbal⁴⁸).

Jorge é usuário do *Grindr* desde 2016 e também utiliza o *Tinder*. De acordo com ele, a diferença entre os dois é que no *Tinder* ele faz amizades e está mais aberto a conversas, enquanto no *Grindr* as suas conversas se resumem a sexo. Utilizar aplicativos para se relacionar é a forma mais fácil para ele, visto que se considera tímido e com baixa autoestima. Jorge busca exclusivamente sexo, e a primeira vez que instalou o aplicativo foi com o intuito de perder a virgindade. O aplicativo é usado nos turnos da manhã, logo quando acorda, e no turno da noite. As redes sociais não são expostas por ele apenas por desatenção.

Juan foi o último entrevistado, e saiu de um relacionamento recentemente, motivo que o fez procurar o *Grindr* para conhecer novos parceiros. Ele é usuário do *Grindr* desde 2015 - e excluiu enquanto mantinha o relacionamento, instalando logo após o término. *Scruff*⁴⁹ é o outro aplicativo utilizado por Juan, a diferença de ambos para ele, é que o primeiro é mais “bagaceiro”: o ambiente é para indivíduos que estão ali restritamente para sexo e sem muita conversa. O segundo, por proporcionar mais opções de preenchimento do perfil e por ter uma função de *match* parecida com o *Tinder*, faz com que os usuários estejam mais abertos ao diálogo. Além disso, o recurso de geolocalização do *Scruff* permite que os usuários conversem ilimitadamente com outros que estão distantes, em outras cidades, estados e países. Esse recurso no *Grindr* é limitado para usuários *premium*. Juan também já foi usuário do *Hornet*, mas de acordo com ele, as funcionalidades deste não o agradaram, pois está muito mais preocupado em ser uma mídia social como *Facebook* e *Instagram* do que uma plataforma para encontros propriamente dita. Ele utiliza o *Grindr* para encontros, diz que está aberto a possibilidades românticas e que gosta de conversar com os seus parceiros e repetir as suas transas quando as satisfazem. O uso do aplicativo se dá

⁴⁸ FERNANDO. **Entrevista VI**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁴⁹ É um aplicativo internacional para homens gays, bissexuais e transgêneros e permite que os usuários enviem perfis, fotos e pesquisem outros membros por localização e interesses em comum. Recentemente, ele adotou a fórmula dos *matches*, assim como o *Tinder*, mas ainda é possível que os usuários conversem sem a combinação. O *Scruff* mostra o dobro de usuários que o *Grindr* e também conecta os perfis através de eventos LGBTQ+.

principalmente nos períodos da manhã - na hora que acorda - e da noite - antes de dormir. Por ser DJ em festas da cidade, prefere não ser buscado nas suas mídias sociais, por isso também não divulga redes como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* no perfil. O usuário também relatou que já soube de casos de perseguições virtuais e que não gosta de saber que os seus parceiros possivelmente podem ter tido relações uns com os outros, sendo esse esse outro motivo crucial para o não preenchimento de suas mídias sociais no seu perfil. Todavia, dependendo de como for o contato, acaba revelando o seu nome para os seus parceiros.

Eu já notei que existe uma comunidade ali no *Grindr*, dependendo da região onde tu mora, é uma comunidade de pessoas que possivelmente já ficaram entre elas, pessoas que acabaram criando relações entre elas e muito do que acontece é: às vezes eu vejo um perfil que eu acho interessante, vou entrar, vou ler o que está escrito ali, aí vejo as redes sociais, aí vejo essa pessoa que ficou com dois caras com quem eu já fiquei, porque ela deixa o *Instagram* aberto, porque ela é muito exposta. Eu não gosto muito de exposição, eu prefiro ficar mais na minha, é a mesma coisa que o *Facebook*, as postagens que eu faço, eu faço postagens fechadas para amigos, eu não faço abertas, sabe? Então acho que é uma maneira de tu evitar muita exposição, porque tem gente que já teve experiência de gente que perseguiu ela, sabe? A pessoa ficou e ficou mandando... acabou sendo meio *stalker*, acabou se tornando inconveniente, porque pegou no pé da pessoa, começou a seguir a pessoa no *Instagram*, começou a seguir a pessoa no *Facebook* (Informação verbal⁵⁰).

A partir dos dados coletados, podemos considerar que é comum para esses usuários que o *Grindr* seja o principal meio pelo qual eles conhecem os seus parceiros. Para Vitor, Denis e Fernando, este é o único. Cinco dos entrevistados também fazem uso de outros aplicativos de relacionamento, como o *Tinder*, que foi o mais citado. É interessante observarmos as diferenças apontadas por eles quanto a esse último: O *Tinder* proporciona conversas e encontros não tão casuais e é necessário que os usuários dêem *match* para que se iniciem as conversas. Todavia, no *Grindr*, as conversas possuem teor exclusivamente sexual e o recurso de geolocalização sugere sexo imediato através de uma interação mais objetiva. Vitor aponta, inclusive, que quando acessou o *Grindr* pela primeira vez, pensou que ambos eram similares, e que logo após a sua imersão, o seu perfil foi acompanhando as mudanças necessárias, visto que ele percebeu que naquele ambiente os demais indivíduos estavam à procura exclusivamente de sexo. Diogo também foi mudando o seu perfil de acordo com as percepções que passou a ter do ambiente e dos usuários.

⁵⁰ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

O *Hornet* também é citado pelos entrevistados. Diogo e Denis, por exemplo, apontam uma migração deste de “aplicativo de relacionamento” para uma “rede social”, com seguidores, curtidas nas fotos, etc., o que também faz com que eles tenham menos encontros, em comparação com o *Grindr*, pois o ego tornou-se mais importante do que os encontros. O *Scruff* foi mencionado por Juan como uma opção interessante, visto que une a experiência do *Tinder* ao imediatismo do *Grindr*, proporcionando diálogos mais duradouros.

Essas mudanças nos perfis de acordo com os meios, ou nesse caso, com as variadas plataformas em que estão inseridos, como citado por Turkle (2017), demonstram que esses usuários encontram-se em comunidades diferentes. Eles reconstróem as suas identidades através do espelho, que no caso dessa pesquisa, é o seu perfil. Nos apropriando dos conceitos de Martín-Barbero (2009) também podemos observar que os modos de socialidade se diferenciam de acordo com os tipos de usos configurados e proporcionados por cada tipo de plataforma, ou seja, estratégias diferentes necessitam de “modos de usar” diferentes. Em caráter diacrônico, é possível observar que os usos do aplicativo foram tornando-se paulatinamente mais táticos, inscrevendo diferentes formas de comunicabilidade. Ao longo do tempo, o perfil no *Grindr* de cada usuário foi sendo construído de acordo com suas experiências, seus conhecimentos táticos dos “rituais” sobre as interações na plataforma. Além desse conhecimento desenvolvido, elementos no perfil como foto de rosto ou posição sexual preferencial também surgem a partir de um processo de amadurecimento e valorização dos seus próprios desejos. Através destes elementos empíricos, podemos considerar que a socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2009) experienciada na relação entre suas identidades e o aplicativo são atravessadas por um deslocamento positivo na construção de seus desejos (MISKOLCI, 2012).

Todos os oito entrevistados utilizam o *Grindr* há pelo menos mais de um ano: Davi e Juan utilizam o aplicativo há mais tempo, desde 2015; enquanto isso, seis deles utilizam desde 2016, com exceção de Diogo, que começou a usar em 2018. Ou seja, todos os entrevistados são, de certa forma, veteranos na plataforma. Maurício e Vitor apontaram que costumam deletar os seus perfis na plataforma com frequência, visto que “enjoam” de olhar sempre as mesmas pessoas, e o retorno acontece quando estão com vontade de fazer sexo. Uma contradição interessante de ressaltarmos é que Maurício diz que busca relacionamentos e amizades, mas declara que reativa o seu perfil a fim de conseguir experiências sexuais.

Inclusive, seis deles contaram que buscam experiências ligadas a relacionamentos e amizades no *Grindr*, com exceção de Vitor e Jorge que deram ênfase à busca exclusivamente por parceiros sexuais. Jorge, inclusive, declarou que criou o seu perfil com o objetivo de ter a primeira experiência sexual de sua vida. Denis e Fernando são dois casos bastante interessantes de serem analisados também: o primeiro, por possuir uma relação aberta, não pode estabelecer vínculos - além do sexual - com outros parceiros, mas diz que “sexo por sexo não tem graça”, e que está disposto a amizades e a conversas. Enquanto o segundo, já manteve relacionamentos amorosos com três antigos usuários, devido às suas experiências e frustrações, a sua busca passou a se restringir a somente sexo, criando uma blindagem para um possível afeto romântico. As táticas aqui se referem especialmente à busca por sexo, visto que o *Grindr* se classifica como uma plataforma feita para “conversar com quem está por perto” (GRINDR, 2017).

Como apontado por Turkle (1997), a era digital oferece identidades e vidas distintas, e essa experiência nos incentiva a tratar as nossas vidas dentro e fora das telas com um grau surpreendente de igualdade. Essa afirmação pode ser claramente observada através de Jorge, que tinha uma situação na vida real que foi levada para o digital [a virgindade]; de Denis, que tem uma relação aberta e que indiretamente está limitado à parceiros sexuais, visto que já tem um parceiro afetivo; e Fernando, que teve experiências na vida real que o fizeram alterar o seu perfil no *Grindr*. Nesse sentido, podemos compreender o perfil dos entrevistados na plataforma como um *continuum* de suas identidades e experiências vividas no “mundo real”. Embora nem sempre a construção dos perfis apontem para essa continuidade de suas trajetórias, ao analisarmos as práticas na relação com aquilo que buscam no *Grindr*, é possível identificar a produção de uma socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2009) efetivada de acordo com as lógicas de uso do aplicativo.

Referente aos turnos de uso, é um consenso entre todos os entrevistados que a noite é o período de maior utilização. Aqui temos duas observações: para Diogo, que declarou que é quase um “viciado”, pois abre o *Grindr* continuamente durante o dia. E para Fernando, que costuma abrir o aplicativo várias vezes durante o dia para marcar o seu perfil na região em que se encontra, a fim de ser chamado por esses indivíduos. Aqui podemos claramente observar uma tática de uso para se ter mais encontros. Aos demais entrevistados, cabe

ressaltarmos que os turnos apontados referem-se à manhã, pois é o horário que acordam, e à tarde, quando eles encontram intervalos na rotina em que conseguem acessar a plataforma.

As mídias sociais não são expostas por sete dos oito entrevistados. Diogo é a única exceção - ele conta com o campo *Instagram* preenchido. Todos eles olham esse campo como uma exposição desnecessária, com ressalva de Jorge, que declarou não preencher por desatenção. Essa questão da exposição é fortemente exemplificada por Juan, que declara que além de ter muitos conhecidos na cidade (Porto Alegre), de se incomodar em saber que os seus parceiros já mantiveram relações sexuais entre si, também presenciou perseguições virtuais. Davi, por exemplo, diz que costuma passar as suas mídias sociais quando considera os seus parceiros relevantes, mantendo contatos duradouros. Observamos aqui que, de uma forma geral, o não preenchimento dessas mídias sociais é uma tática dos usuários contra a estratégia (CERTEAU, 2014) do *Grindr*. Relacionando com Martín-Barbero (2019), podemos notar que o uso cotidiano e coletivo da comunicação, ou seja, não ter as mídias sociais para não se expor, sobrepõe os usos sociais proporcionados pela empresa. Além disso, também é possível perceber uma certa moralidade e um autojulgamento em relação ao uso da plataforma. Ainda que exponham seus rostos, corpos e outros dados “íntimos”, como o *status* de HIV; possibilitar que outros perfis acessem suas outras mídias sociais é algo que geraria “muita exposição”. A partir desta análise podemos considerar, em primeiro lugar, que há um conhecimento tido como senso comum sobre o papel de cada plataforma: o *Grindr* é o lugar para buscar sexo, enquanto as outras mídias como *Facebook* e *Instagram* seriam os lugares onde a versão de suas identidades seriam “mais informadas”. Afinal, a estrutura destas possibilita que os usos se deem de maneiras diferentes, conforme a noção de tecnicidade explica (MARTÍN-BARBERO, 2009). Enquanto no *Grindr* somos interpelados por fotos sem camisa e narrativas de desejos, no *Facebook* nos deparamos com fotos de viagens, com família e de colegas de trabalho. Em outra instância, o que ocorre quando os entrevistados afirmam não divulgar suas outras mídias sociais para não se exporem, é uma gestão das facetas que compõem suas identidades na arena digital, esse “laboratório de eus” (TURKLE, 1997). Através de um trabalho tático, os usuários fragmentam suas identidades nas diversas mídias (*Grindr, Tinder, Facebook, Instagram...*), juntando e visibilizando cada um destes “pedaços” quando convém, de acordo com seus interesses.

6.2 Identidade e Negritude

Diogo, o primeiro entrevistado, não possui nome no perfil, pois crê que ter o nome é se “expor demais”. No *sobre mim*, ele já demonstra a importância das fotos para as suas conversas no aplicativo, na sua descrição está escrito: “uma conversa antes de qualquer coisa, raramente respondo perfis sem foto”, ainda sobre essa informação, ele complementa “não sei com quem eu estou falando, não sei com quem eu estou conversando e eu não vou sair com uma pessoa que eu nem vi a cara” (informação verbal⁵¹). Diogo argumenta que gosta de ter uma breve conversa com o parceiro antes, pois percebe que a maioria dos usuários “já chega te mandando fotos, *nudes*⁵², e nem uma conversa, uma troca ali, se conhecer primeiro, as pessoas já querem ir direto para o ato, o sexo” (informação verbal⁵³). Ele também não informa a idade no seu perfil por se considerar “velho” (comparado com a maioria dos usuários). Quanto às suas informações sobre *peso, altura e porte físico*, ele diz que não analisa esses atributos nos outros perfis mas que coloca no seu para evitar responder perguntas relacionadas a essas informações no aplicativo. Sobre a construção do perfil e a escolha das fotos, ele diz:

Foi uma coisa que eu fui construindo durante um tempo. Quando eu entrei no *Grindr*, eu não botei nada de informação, só peguei e botei uma foto para as pessoas verem com quem elas estavam falando, daí com o tempo, com as experiências, eu fui adicionando, eu fui botando peso, altura, porque eu achei necessário no momento e com a experiência vivida durante todo esse tempo no *Grindr*, eu fui vendo que as pessoas gostam mais de uma determinada foto do que outra, curte mais um assunto do que outro e aí eu fui tentando me encaixar nesse padrão que as pessoas gostam no aplicativo (informação verbal⁵⁴).

Diogo também expôs que busca por padrões de beleza, como corpos magros e/ou definidos, quando vai se relacionar com outros indivíduos. Quanto a sua experiência como usuário negro, declarou que nunca sofreu nenhum tipo de agressão racista no aplicativo e completou:

⁵¹ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁵² *Nudes* significam fotos de corpos sem peças íntimas.

⁵³ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁵⁴ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

A minha cor sempre chamou muita atenção no aplicativo, porque é uma cor que chama atenção e é atraente, pelo menos com os caras que falaram comigo sempre falaram “ah, gosto muito dessa tua cor”, “acho tua cor maravilhosa”, “da cor do pecado”, sempre foi uma experiência boa, assim, para mim, nunca o contrário (informação verbal⁵⁵).

Ele coloca a informação da etnia no aplicativo porque “chama a atenção” para outros usuários o fato dele ser negro. Diogo costuma alterar frequentemente as suas fotos, tentando deixar sempre as mais recentes e com menos roupa, pois é o que, segundo ele, costuma chamar mais atenção, mais conversas e encontros. Quando indagado sobre a forma como achava que as pessoas o viam no aplicativo, obtivemos a seguinte resposta:

Como eu acho que as pessoas me veem? Olha... não sei responder essa pergunta. Nunca parei para pensar, na verdade, mas eu acho que elas me veem mais como... mais um objeto sexual, assim, que eu estou ali mais para transar mesmo, pelas minhas atitudes do que ter um relacionamento. Não [essa não é a forma como quer ser visto]. Mas pelas minhas atitudes, essa é a imagem que eu passo. Quero ser visto como uma pessoa séria que não quer um lance de momento (informação verbal⁵⁶).

Maurício, o segundo entrevistado, diz que em relação à construção do seu perfil, a primeira foto visível é “sempre sem camisa”, justamente pela proposta da rede e por ele querer se adequar a essa “norma” para ter mais parceiros sexuais. O usuário identifica um padrão de corpo magro na plataforma e diz que busca por esses padrões em seus parceiros. Ele também não tem o nome exibido no perfil:

Eu acho que a pegada do aplicativo é mais discreta, por mais que eu seja assumido, não sei, tem tudo que é gente ali, é diferente do *Tinder*, a tua privacidade... como eu vou dizer isso... eu acho que no *Grindr* eu meio que acho, é meio que... não tem lógica, na verdade, que eu estou mais exposto e podem vir pessoas mais perigosas, porque tem muita gente... no *Tinder* geralmente todo mundo vê com todo mundo, né? Tem uns perfis que é discreto, mas é bem menos (informação verbal⁵⁷).

Sobre a frase presente no *sobre mim*, encontramos: “não vou te responder nunca sem teu rosto. Não troco e nem quero *nudes*”. Maurício disse que gosta de ver com quem ele vai sair, pois essa pessoa tem que ser atraente fisicamente num primeiro momento, também não gosta de trocar *nudes*, porque acredita ser muita exposição. A respeito das principais

⁵⁵ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁵⁶ DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

⁵⁷ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

mudanças que foram ocorrendo no seu perfil, elas se deram, principalmente, no que tangenciam as fotos, pois quando ele era mais novo não costumava mostrar o seu rosto. Outra informação que também não era exposta antes era a *etnia*, pois era algo que ele “só não estava atento”. Essas mudanças trouxeram mais parceiros afetivos e sexuais, principalmente porque os demais usuários vieram com abordagens mais voltadas para conversas e não tanto para sexo casual.

Para o Maurício, colocar a sua *etnia* no aplicativo

É importante porque é um ato político, em qualquer espaço que estiver [...] eu sofri até racismo, vários caras foram bem escrotos, acho que uns dois ou três, quando eu chamava, falavam tipo “te enxerga”, ou alguma coisa do tipo. Mas é algo que eu venho tentando trabalhar em mim, porque tem todo o contexto social que eu vim, que eu fui adotado por uma família branca, minha mãe fala alemão e foi aos poucos, assim, eu não me via como negro, mesmo sendo e sempre sofri repressão, mas não enxergava isso como (Informação verbal⁵⁸).

Entretanto, ele acredita que também há “experiências positivas” relacionadas ao fato de ser um usuário negro do aplicativo, e que a abordagem é diferente em relação a homens brancos:

Teve um menino que já me chamou, falou que eu era muito lindo, a gente trocou uma ideia, trocou *Instagram* [...]. Isso eu reparei quando eu fui para o Rio nesse ano, no carnaval, eu reparei que eu era só mais um lá e aqui eu sou diferente, eu sou algo exótico, aí às vezes eu sinto que essa abordagem é também pelo rolê de eu ser negro. Geralmente são homens brancos que chegam (Informação verbal⁵⁹).

Estar inserido em um ambiente onde as coisas acontecem “por debaixo dos panos” também o ajudou a descobrir mais coisas ligadas a sua sexualidade que até então eram consideradas tabus.

Ah, acho que uma coisa interessante é que como tem muita gente às vezes não tem foto do rosto, às vezes é uma coisa mais embaixo dos panos, me ajudou a também... porque ali, as pessoas não têm pudor, então várias pessoas vêm “ah, tenho fetiche em pés”, “sexo a três”, umas coisas com uma pegada mais *BDSM*⁶⁰, então me ajuda também a de repente até procurar sobre isso (Informação verbal⁶¹).

⁵⁸ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

⁵⁹ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

⁶⁰ É um conjunto de práticas consensuais envolvendo bondage e disciplina, dominação e submissão, sadomasoquismo e outros padrões de comportamento sexual.

⁶¹ MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

O terceiro entrevistado, Davi, não tem o nome exposto porque se considera mais reservado:

Acho que questão de nome, exposição, acho mais reservado da pessoa. Acho que é uma forma a mais de você manter uma comunicação. Geralmente as pessoas chegam no *Grindr* e perguntam, muitas pessoas perguntam seu nome, na verdade, eu não quis colocar nenhum tipo para a gente conversar mais, para ter mais diálogo. Eu coloquei o básico do básico mesmo (Informação verbal⁶²).

Essa descrição de perfil básica citada por ele, também se reflete no *sobre mim* e nas suas demais informações pessoais, visto que a idade também não é apresentada. Quanto a *altura, peso e porte físico*, Davi disse que essas são as informações que ele mais observa nos demais perfis, mas que não são relevantes para a escolha das suas relações com outros parceiros. Davi possui um tipo de corpo (magro) que se encaixa no padrão citado pelos outros usuários. As suas fotos são escolhidas com base no que considera atraente e o que acredita que vá chamar atenção dos outros indivíduos. Nesse caso, essas foram as principais mudanças que foram sendo feitas no decorrer da sua experiência na plataforma, já que ele não costumava mostrar o rosto:

Eu acho que eu fui amadurecendo bastante, eu fui amadurecendo junto com a questão da minha sexualidade, é assim: a vida é um aprendizado, então cada tempo que passa você vai descobrindo novas coisas e vai despertando curiosidade em você, então acho que foi isso. Eu, por exemplo, lá na Bahia, eu tinha as mesmas fotos, mas eu cortava o meu rosto, porque eu não queria que, sei lá, as pessoas descobrissem logo de cara que era eu ali, então depois que eu vim para cá eu me senti mais, ter liberdade para responder, então é isso. Quis mostrar mesmo que era eu ali no meu perfil (Informação verbal⁶³).

Ele também reconhece que possui muitas fotos de corpo no perfil para se tornar mais atraente para os outros usuários. Davi aponta que quanto mais mudanças forem feitas nas fotos, maiores são as chances de atrair novos interessados no seu perfil.

No *Grindr* é assim, se você, por exemplo, está ali com a foto num local o tempo inteiro, se a pessoa está na localização, então às vezes eu não acho mais o seu perfil interessante, mas se eu for hoje, se eu chegar hoje, eu tenho outra foto aqui minha que eu acho que está bacana, está bonita, vou alterar. Você alterou a foto, do nada começa a aparecer um monte de mensagem, então eu acho que as pessoas estão buscando isso, cada dia que passa, as pessoas estão, não sei se é um tipo de

⁶² DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

⁶³ DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

perfil diferente, mas é a mesma pessoa, só porque mudou a foto, aí você vai lá e recebe um monte de mensagem, notificação (Informação verbal⁶⁴).

Em relação a sua *etnia*, ele costuma ter essa informação exposta no perfil porque gosta de mostrar isso para os demais usuários com base nas suas experiências passadas no *Grindr*:

Tem a opção de expor, então eu resolvi expor de alguma forma... e também teve uma vez, quando não tinha muitas informações, que teve um cara que exigiu uma conversa comigo e eu falei que eu não curti muito ele, então como eu não dava muita atenção, ele falou “tchau, seu negro babaca”, falou bem assim. E ele foi lá e me bloqueou. Aí eu lembrei disso e “deixa eu colocar aqui: sou negro mesmo”. Então é bom que as pessoas vejam isso logo de cara, que eu me aceito e eu sou muito feliz do jeito que eu sou. Já sofri muito preconceito dentro da plataforma e também teve muitas pessoas que me chamaram “eu adoro negros”, “seu tom de pele me atrai bastante”, apesar que eu achei isso... né, mas enfim, pelo menos foram educados, não senti um preconceito assim tão pesado quanto a isso (Informação verbal⁶⁵).

Vitor, o quarto entrevistado, tem seu nome no perfil preenchido com um apelido, porque ele prefere ser chamado dessa forma. O *sobre mim* não possui nenhum tipo de informação por “preguiça” e por não se considerar uma pessoa criativa para escrever sobre si. Quanto às informações referentes a *peso, altura e porte físico*, ele as considera superficiais, mas coloca por entender que essa é a lógica de funcionamento da plataforma.

É porque no meio gay, assim, não só os gays, comunidade LGBT no geral, é muito... como é a palavra? Superficial, talvez, eles ligam muito para estética e a idade, eu vejo que tem um preconceito nítido contra pessoas que não tem o corpo padrão e contra gays que são mais velhos, então eu acho sei lá, interessante botar lá para eles verem (Informação verbal⁶⁶).

Ele considera por “padrão” corpos altos e magros, e afirma que busca por esses perfis na plataforma. Em relação a escolha das fotos, são escolhidas para o perfil as consideradas atraentes e sensuais. As mudanças no seu perfil também são frequentes, principalmente no que tangencia as fotos utilizadas. Antes, por exemplo, ele não costumava “mostrar o corpo”, e essa mudança, fez com que aumentasse o número de conversas e consequentemente de parceiros sexuais. Quanto à informação referente à *etnia*, Vitor

⁶⁴ DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

⁶⁵ DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

⁶⁶ VITOR. **Entrevista IV**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

considera que preencher esse dado é afirmar a sua identidade em um meio que possui uma espécie de “racismo interno”.

A comunidade LGBT, especificamente os gays, são muito racistas, tem um preconceito latente de gays brancos em relação a gays negros, então eu acho que eu me afirmar enquanto homem negro é para que eles entendam que tipo, cara, a gente não é só uma máquina de fazer sexo e parem de colocar a gente dentro desses estereótipos, parem de nos excluir, nos deixar à margem da comunidade, porque a gente é tão gays quanto vocês, a gente merece tanto respeito quanto vocês, o mundo não é só vocês (Informação verbal⁶⁷).

A sua experiência na plataforma está estritamente ligada à objetificação do seu corpo. Segundo ele, os indivíduos muitas vezes sequer perguntam o seu nome, e já querem saber se ele tem “pau grande”. Essa abordagem o incomoda porque as pessoas se esquecem que por trás dessa sexualização também há sentimentos e alguém que não quer ser pressionado dessa maneira. No final da entrevista ele acrescentou que esse é um dos principais motivos que o faz deletar o seu perfil frequentemente. Vitor declarou que já presenciou ataques racistas no ambiente do *Grindr*:

Eu já li perfis de caras que entre as coisas que eles não preferem, não gostam, estava lá “morenos e negros”, aí eu “tá bom”, só ignorei. Achei absurdo. Alguém em pleno século XXI, colocar isso na descrição. Foi a primeira vez que eu vi um perfil nitidamente racista. Foi isso (Informação verbal⁶⁸).

Para Denis, a informação do *nome* no aplicativo tem um viés político, pois ele declara que não se relaciona com indivíduos considerados de “extrema-direita” e por isso busca manter essa informação transparente. No seu *sobre mim*, o usuário colocou uma frase da cantora Madonna e uma lista de títulos dos seus livros preferidos. A mensagem que ele quer passar com essas informações é que está aberto a conversas. As suas fotos também refletem essa posição, visto que ele busca colocar apenas fotos de rosto para não soar “sexual demais”.

Não sou lá muito de bater foto, então tipo assim, por exemplo, a foto que está agora, que foi trocada a dois dias atrás, porque há uma semana e meia atrás, alguém me disse que havia alguma certa discrepância entre a minha foto atual do... que então era atual do *WhatsApp* que também estava no *Hornet*, *Grindr*. E a foto realmente tinha três anos já, então por conta disso eu substituí, mas sei lá, não gosto muito de expor, assim, abertamente o meu corpo no meu perfil do *Grindr*,

⁶⁷ VITOR. **Entrevista IV**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

⁶⁸ VITOR. **Entrevista IV**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

até porque se eu fizer isso, para mim, soa que eu estou muito mais interessado em sexo do que conhecer alguém para sentar e discutir além de ter relação sexual, uma pessoa para conhecer, tomar vinho, essas coisas (Informação verbal⁶⁹).

O usuário declara que não faz muitas mudanças relacionadas às suas fotos ou às informações expostas no aplicativo. Elas ocorreram unicamente no nome do seu perfil, que mudou após a eleição de Bolsonaro como presidente do Brasil. Quanto ao *peso, altura e porte físico*, ele declara que coloca unicamente porque “a comunidade exige”, acredita que existe um padrão de corpo e de conversas, e que dessa forma, tenta se enquadrar nas lógicas de uso da plataforma. Em relação à *etnia*, Denis considera que preencher esse dado é uma informação relevante para ele e que funciona como uma autoafirmação da sua negritude.

Porque essa é uma informação relevante para mim, não para a comunidade, mas para mim é importante deixar bem claro que eu sou negro. E a partir disso daí, quais tipos de resposta as pessoas vão ter depende delas, mas há uma certa fetichização do fato de eu ser negro aqui no Sul do país, provavelmente por conta do fato de que aqui há um predomínio branco, mas não sei dizer se é isso ou não, mas é muito comum ter um certo fetiche com relação ao assunto, o que é muito incômodo (Informação verbal⁷⁰).

As suas experiências no aplicativo refletem a questão da fetichização sobre a qual comenta. Mesmo que ele reconheça que todos os usuários sejam objeto de desejo naquele ambiente, o fetiche relacionado especificamente com a pele negra e com os estereótipos históricos que essa cor carrega, é algo que o causa incômodo no ambiente do *Grindr*.

O fato de eu me identificar como negro traz, como eu falei, experiências de fetiche, melhor dizendo, experiência de ser um objeto de fetiche. Assim, explicitamente, porque nunca há a possibilidade de tu saber se tu é fetichizado a não ser que a outra pessoa expresse isso de maneira bem clara, fale. Então há uma corriqueira frase, né, “adoro morenos”, “adoro negros”, “sou louco por negros”, essa frase que é um sinal vermelho. Se a pessoa usa essa frase, o diálogo parou ali, eu tento diminuir a quantidade de diálogo. [...] Agora o fato de eu me dizer como negro, sim, ele interfere em como as pessoas me percebem como objeto de desejo. De novo, ser objeto de desejo num aplicativo como esse, todos nós somos, mas especificamente o desejo fetichizado e esse tipo de fetiche não é uma coisa que me agrada (Informação verbal⁷¹).

Denis declarou que já presenciou ataques racistas no aplicativo:

⁶⁹ DENIS. **Entrevista V**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

⁷⁰ DENIS. **Entrevista V**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

⁷¹ DENIS. **Entrevista V**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

Ah, foi um rapaz que veio com... mandou mensagem, aí eu olhei o perfil e o rapaz era, para o meu gosto, demasiado com musculatura hipertrofiada, musculoso e eu falei que não estava interessado, o rapaz era branco e ele falou que eu deveria estar... não sei, “se sentir privilegiado a manter contato contigo, seu negro”, aí eu mal li isso, o rapaz me bloqueou, não possibilitou uma resposta (Informação verbal⁷²).

Fernando, o sexto entrevistado, tem o nome exposto e não vê problemas nisso, porque segundo ele, a sua sexualidade não é segredo. Informações referentes a *altura*, *peso* e *porte físico*, são colocadas com o objetivo de simplificar conversas com os outros usuários e “não ter que repetir todas as vezes” (Informação verbal⁷³). Por mais que não seja algo definitivo, isto é, ele não descarta parceiros levando em consideração essas informações, Fernando costuma prestar atenção a esses dados nos outros perfis. No *sobre mim*, ele deixa claro que não procura garotos de programa nem relacionamentos. Quanto aos garotos de programa, Fernando disse que já conversou com outros rapazes normalmente, e que no desenrolar das conversas ou até mesmo nos encontros, ele acabou sendo cobrado sem saber que o parceiro cobrava por encontros sexuais. Todas as suas fotos no perfil são de rosto, e ele escolhe as que se considera atraente e apresentável. Ele disse que muitos usuários pensam que ele tem o corpo malhado, por conta de alguns ângulos de suas fotos, e que ficam frustrados depois que descobrem que ele não se encaixa no padrão de corpo exigido. O padrão de corpos procurados pelos demais usuários, de acordo com ele, é “mais forte, branco e masculino, mais masculinizado” (Informação verbal⁷⁴), cuja foto é tirada dentro de uma academia.

Porque em algumas fotos minhas, dependendo do perfil que eu tire, da forma que eu tirei, aparenta ser um pouco mais forte, já percebi e para eles, se desiludem, por isso até que eu coloquei que eu não tenho corpo malhado, porque eles pedem foto de corpo e aí cai muito na questão de não gostarem de negros. Isso eu acho muito ruim, muito, muito ruim, porque não vejo essa diferença de uma cor negra, mas para muitos ali faz diferença isso, a questão do corpo malhado para eles também faz muita diferença (Informação verbal⁷⁵).

⁷² DENIS. **Entrevista V.** [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

⁷³ FERNANDO. **Entrevista VI.** [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁷⁴ FERNANDO. **Entrevista VI.** [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁷⁵ FERNANDO. **Entrevista VI.** [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

Em relação ao preenchimento da categoria de *etnia*, para ele é uma questão de afirmação da sua raça para os outros usuários e uma forma de mostrar que ele não está nos padrões exigidos pelo ambiente:

Porque eu me considero negro, o aplicativo pergunta qual a sua etnia e então, apesar de ter a pele um pouco mais clara, me considero negro, então ali para poder definir a minha raça para eles, para não me colocar na questão, não me vejo na questão de me colocar como uma pessoa parda ou branca, não me identifico nessa etnia, me identifico como negro. Não sei se é para me auto afirmar ou se é para afirmar para eles o que eu sou, acredito que é mais a segunda, para afirmar para eles que eu sou negro. Então sou negro, sou afeminado, não tenho o corpo malhado, sair daquele tabu que eles seguem (Informação verbal⁷⁶).

Fernando relatou que as suas experiências como usuário negro fazem com que ele seja abordado de uma forma diferente. Por exemplo, é frequente que homens brancos gostem de ser “dominadores” com homens negros, o que lhe causa desconforto. Ele gostaria que as pessoas conversassem com ele sem que a questão de ser negro fosse uma forma de tratamento sexual diferente: “eu gostaria que a pessoa olhasse [...] mas não focassem em eu ser negro, ‘então vou te usar desta forma’, só pelo fato de eu ser negro” (Informação verbal⁷⁷). Ele também declarou que já sofreu ataques racistas no aplicativo ao conversar com outros indivíduos:

É exatamente essa frase “desculpe, eu não tenho atração por pele negra”. Ah, na hora eu me senti... parece que tu perde o chão, porque tu toma um susto, não espera isso. Eu sei que existe, a gente sabe que em algum momento a gente vai passar por essa experiência, mas na hora quando tu passa, tu não espera, porque tu está ali, que nem eu estou te falando, por uma questão do sexo, tu quer uma curtidão e aí o cara olha para ti e te fala uma coisa dessa, é absurdo, entendeu? Aí tu fica “tá. Eu vou fazer o quê?”, se tu denunciar o perfil o máximo que o aplicativo pode fazer é banir o perfil dele, então tu sente um pouco de raiva, tu sabe que tu está vendo na tua frente que realmente as pessoas são assim. Esse perfil não tinha rosto, então acho que para ele era mais confortável falar, expor o preconceito dele. Então para mim foi bem desagradável, mas pela questão do susto mesmo (Informação verbal⁷⁸).

Já o *nome* do Jorge no aplicativo costuma ser trocado frequentemente, de acordo com os horários em que ele possui local⁷⁹ para receber os seus parceiros sexuais:

⁷⁶ FERNANDO. **Entrevista VI**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁷⁷ FERNANDO. **Entrevista VI**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁷⁸ FERNANDO. **Entrevista VI**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

⁷⁹ No *Grindr*, “ter local” significa que o usuário pode receber parceiros sexuais na sua residência.

Por causa do momento em que eu entro no *Grindr*, de manhã, no caso de manhã é quando a gente tem um local em Guaíba, se for notar, eu vou trocando, porque essa é a jogada, de manhã “Com local”, de tarde fica só o meu nome e de noite também, porque de manhã é um momento que “está querendo transar, beleza. Brota aqui, vamos transar. De tarde, se quiser sair, a gente sai. De noite, se quiser sair, a gente sai”, então basicamente eu coloco as informações do meu perfil como “quer transar? Beleza. Mas o resto do dia não estou disponível” (Informação verbal⁸⁰).

As informações relacionadas ao *peso, altura e porte físico* são expostas com o objetivo de atrair parceiros semelhantes, mesmo que ele diga que isso não é uma regra, reconhece que há uma busca por um padrão de corpo, magro, parecido com o seu. Jorge revelou que “mascara” a sua posição sexual no seu perfil, por considerar que há uma pressão por negros serem ativos e não passivos, e que para ter mais parceiros sexuais, ele não aponta que também gosta de ser passivo.

Estava conversando sobre isso com um amigo, e ele me disse: “assume a sua passividade”, aí eu disse “ah, mas não sei, porque depende muito do que eu estou querendo e do momento”, se eu estou com muita vontade, eu chego e sou ativo, estou com muita vontade, ah, passivo, mas sei lá, nunca foi uma coisa específica, talvez até me segurasse demais porque sempre teve... só um segundinho, sempre teve, tem muita cobrança em relação a homem negro ser ativo, então tem que ser o ativo com uma rola gigante. Então eu acho que eu ficava até com medo de acabar sendo descartado por não ser ativo, então nisso eu acabei criando uma barreira em mim mesmo e dizendo “posso ser versátil” (Informação verbal⁸¹).

Em relação ao *sobre mim*, Jorge procura deixar claro que encontra-se “disponível para encontros”. A sua descrição é bem objetiva em relação ao tipo de relação que ele procura, e também há a informação do seu *Whatsapp* ali, tudo isso para facilitar a troca de mensagens com os outros usuários e ser mais assertivo nas suas preferências (apenas recapitulando que ele não possui outras mídias sociais como *Facebook, Instagram e Twitter*, segundo ele, por desatenção). As suas fotos são mistas, ele possui fotos de rosto e sem camisa, as quais ele considera “apelativas”. Inclusive as fotos foram as suas principais mudanças, de acordo com ele, anteriormente possuía fotos semi nu no seu perfil, e foi modificando-as, por questões de “amadurecimento pessoal”. Não havia também fotos de rosto, por questões de medo e insegurança em relação à sua sexualidade.

⁸⁰ JORGE. **Entrevista VII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸¹ JORGE. **Entrevista VII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

Estar como negro na campo de *etnia* do aplicativo significa para ele é uma autoafirmação:

Então assim, sempre foi difícil, porque quando eu tinha qualquer coisa, assim, era sempre vitimismo ou alguma frescura. Ensino Médio foi muito tenso por causa disso, porque debatia, falava em relação a alguma coisa que, alguma pauta que entrava e era sempre uma questão de aguentar, aguentar até onde eu vou conseguir argumentar e te fazer entender que o teu mundo é diferente do meu e que embora tu também seja gay, que tu tem mais privilégios do que eu em relação a essas situações reais e a minha vida nunca vai ser igual a tua. Eu acho que isso foram fatores que fizeram com que eu me entendesse como homem negro, até porque eu tive um amigo que me ajudou muito nisso, porque ele chegou e me botou na linha, de certa forma, durante um momento que eu já estava muito fora do rumo. [...] Conseguir entender e conseguir passar para os outros também e hoje em dia eu acho que um homem negro em aplicativo, eu acho que eu sou quase um sobrevivente, porque viver num aplicativo de relacionamento homossexual em 2019 [...] é quase uma sobrevivência e eu acho que eu estou conseguindo me centrar bastante em relação a isso, impor limites, saber o quanto o meu corpo pode ou não pode, então eu acho que hoje em dia eu tenho uma visão melhor de mim (Informação verbal⁸²).

Jorge já sofreu agressões racistas no *Grindr* e essas agressões estavam sempre ligadas com a rejeição a homens brancos:

Eu tinha rejeitado um carinha e aí ele me pegou e me disse só “ah, mas tu quer saber, eu nem sei porque eu estava te trovando, você é só um pretinho feio mesmo”. E aí ele me bloqueou e eu fiquei parado olhando, acho que passou uns dois minutos e eu fiquei travado, só pensando assim “o que acabou de acontecer” (Informação verbal⁸³).

Juan, por sua vez, não tem a informação do *nome* escrita no seu perfil porque prefere não se expor⁸⁴. Informações referentes a *peso*, *altura* e *porte físico* são preenchidas porque são características relevantes para a prospecção de novos parceiros na plataforma. Ele declara que idealiza um tipo de corpo e que também as coloca para não ter que repetir para diferentes pessoas diversas vezes. Informações como a *posição sexual* e *status de relacionamento*, por exemplo, para ele, refletem a objetividade que ele busca demonstrar no seu perfil.

Eu tenho uma preocupação um pouco estética também, não vou colocar qualquer foto, tem gente que coloca, mas qual é o sentido, né? Eu gosto de ser um pouco sucinto na questão do meu perfil, das minhas informações, não precisa ficar floreando “ai, eu sou uma pessoa de bem com a vida”, “ai, porque eu quero

⁸² JORGE. **Entrevista VII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸³ JORGE. **Entrevista VII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸⁴ Exposição já explicada anteriormente pelo entrevistado na subseção de práticas e usos do Grindr.

fazer...”, sabe? Não vou ficar expondo essas coisas. Gosto de ser objetivo, gosto de ser sucinto e ser prático também (Informação verbal⁸⁵).

Em relação às suas fotos, a primeira mostra o seu rosto, mas ele está sem camisa e, na segunda há apenas o seu rosto em evidência. Ele declarou que a primeira foi tirada há muitos anos e que imediatamente pensou que ela faria “sucesso” na plataforma, pois evidencia o seu peitoral o mostra de uma forma mais *sexy*. Ele reconhece que há um apelo sexual no aplicativo e que esse apelo também está presente nas suas fotos. Em relação à fotografia de rosto, para Juan, com o tempo, passou a ser uma questão política de afirmação da sua sexualidade e que ele nem sempre teve.

Mas eu acho que eu nem sempre usava foto de rosto, passei a usar há pouco tempo, eu acho que é importante colocar o rosto para desconstruir algumas coisas, tipo eu estou aqui, todo mundo é gente. E eu não tenho problemas com a minha homossexualidade, minha família me ama, meus amigos me amam, enfim, não tenho problema nenhum com a minha homossexualidade (Informação verbal⁸⁶).

As fotos costumam o atrair nos perfis dos outros usuários, fotos inusitadas, que não sejam em academias. Assim como informações referentes à ortografia do *sobre mim*, ele acredita que isso soa como preconceito linguístico, mas que é um fator importante na busca de novos parceiros. No *sobre mim*, ele deixa especificado um tipo de perfil que ele busca, entretanto confessa que o objetivo também é encontrar parceiros com os quais ele possa desenvolver uma conversa antes do sexo. As mudanças aconteceram nesse âmbito, pois com o tempo ele passou a mostrar mais de si para poder exigir mais informações dos outros usuários.

Mas eu fui mudando meu perfil, quando eu entrei eu não tinha nada, depois eu fui me arriscando a falar um pouquinho mais de mim, mas também não era muita coisa, tentava não exigir nada de ninguém, se eu tivesse que pedir alguma coisa, tinha que ser alguma coisa que fosse básica, tipo foto, pô, quem não tem foto no perfil? Vai vir falar comigo sem foto? Manda uma foto, sabe? Porque tem muita gente sem noção no aplicativo, porque as pessoas mandam foto do cu sem dar oi. Eu não quero ver teu cu, desculpa pela palavra, mas tu entende, é uma maneira de tu barrar esse tipo de *approach*, a pessoa chega com foto do cu, meu, dá um oi, sabe? (Informação verbal⁸⁷)

⁸⁵ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸⁶ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸⁷ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

Em relação a sua *etnia*, para ele, expor que é negro no aplicativo significa se afastar de pessoas que são racistas no *Grindr*, assim como mostrar o rosto, falar da sua negritude também é mostrar quem ele é:

Eu acho que tem muito a ver com essa coisa do rosto também, de tu não ter... não está escondendo muito, porque não falar da minha etnia é esconder quem eu sou, esconder meu rosto também é esconder quem eu sou, então eu não posso... assim como as pessoas escrevem que elas são brancas, eu acho que eu tenho que escrever que eu sou negro. Existem pessoas que são muito preconceituosas, pessoas que são racistas e homofóbica no *Grindr*, então eu colocando negro já fico longe desse tipo de pessoa, entendeu? Sou negro e é isso (Informação verbal⁸⁸).

Juan também já sofreu agressões explicitamente racistas no aplicativo:

Eu tive experiências que as pessoas faziam comentários muito burros, assim. Como é que... ah, tipo, “ai, não costumo ficar com negros, mas tu é um negro diferente”, umas coisas assim, sabe? Completamente inadequadas [...], tipo eu sinto que ele é um coitado, a pessoa é uma trouxa, ainda bem que tu não quer nada comigo, enfim, eu não quero nada contigo. Mas eu entendo que, eu fico tentando imaginar o que as pessoas passam por ali, pessoas que devem passar por situações bem complicadas, de ataque a sua autoestima, tem pessoas que não medem palavras, não tem tato para se comunicar, enfim, são deselegantes, são inconvenientes (Informação verbal⁸⁹).

A seguir iremos apresentar a nuvem gerada, a partir do *Software NVivo* com base nas entrevistas⁹⁰, e a contextualização dessa análise para a interpretação dos dados coletados.

⁸⁸ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁸⁹ JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

⁹⁰ Nesse caso, tiramos as perguntas e deixamos apenas as respostas dos entrevistados.

apelido e, segundo ele, é dessa forma que prefere ser chamado. Nesse sentido, nos apropriando dos conceitos de Turkle (1997), podemos afirmar que Maurício se mostra um personagem múltiplo: “assumido” mas “discreto”, de acordo com o ambiente no qual está inserido. Enquanto Vítor, assume um papel muito próximo da sua própria identidade na vida real, nesse caso o seu apelido.

Para Denis, o nome é o que tem mais destaque no aplicativo logo depois da foto, e é por isso que ele prefere expor a sua opinião política, assim, ele acredita que se previne de manter relacionamentos com usuários da extrema direita. Fernando tem o seu nome exposto porque, de acordo com ele, a sua sexualidade não é um segredo. Jorge, por conseguinte, altera o seu nome frequentemente durante o dia de acordo com as suas preferências, de manhã, por exemplo, é “Jorge com local”.

Referente ao nome, no caso de Denis, observamos uma tática mediada pela tecnicidade de Martín-Barbero (2009), visto que o campo do nome o ajuda a expor a sua opinião política e, consequentemente, se resguardar de possíveis tipos de parceiros sexuais. Entretanto, ele está se apropriando desse campo de uma forma diferente, sendo essa uma tática que, de acordo com Certeau (2014) joga com os acontecimentos (nesse caso, as eleições presidenciais) transformando-se em uma ocasião. Fernando por sua vez, retoma a consciência de uma forma de identidade gay, ao qual é comentada por Ariés (1985). E Jorge, assim como Denis, também se apropria do campo *nome* visando possibilidades de ganho imediatas, ou seja, o sexo na sua casa em horários específicos do dia.

Seis deles possuem fotos sem camisa no perfil, sendo Denis e Fernando as exceções. O primeiro não possui fotos sem camisa por não querer deixar o seu perfil com forte apelo sexual, enquanto o segundo não expõe o seu corpo por não ser “malhado”. É relevante ressaltarmos que todos os entrevistados mostram os seus rostos em seus perfis. Jorge cita que gosta de fotos inusitadas e criativas - as táticas de fotos utilizadas predominantemente nos perfis dos outros entrevistados priorizam o corpo, e não demonstram nenhum tipo de preocupação quanto à criatividade. A partir do momento que esse usuários optam por expor os seus corpos nos seus perfis, a representação simbólica das suas identidades (HALL, 2019) mostra-se diretamente atrelada ao desejo (MISKOLCI, 2017).

A partir das informações expostas acima, conseguimos observar uma gama de táticas que são utilizadas por esses usuários através desses perfis. Por um lado, a não exposição do

nome e, por outro, a exposição dos seus rostos e corpos. Claramente enxergamos aqui as questões denominadas por Hall (2019) como contraditórias frente às fragmentações das identidades. Essa “celebração móvel” citada pelo autor, também nos ajuda a problematizar e a compreender as diferentes formas pelas quais esses indivíduos são representados pelo sistema social no qual estão inseridos. nesse caso, a sexualidade. Pois é através dos significados produzidos pelas representações que os sujeitos conferem sentido às suas experiências (HALL, 2019).

Mesmo que aqui os entrevistados mostrem o rosto em conjunto com os seus corpos, demonstrando o que Weeks (2000) apontou quando defendeu que a existência de uma identidade gay significa a pluralização crescente da vida social, ou seja, a possibilidade de homens gays usufruírem dos seus desejos e da sua sexualidade, se pensarmos nos nomes, podemos identificar o significado que esse tipo de identificação carrega quando falamos da representação do homem gay como uma ameaça ligada ao status moral. O que identificamos nesta relação entre rosto, corpo e nome, é uma incessante regulação tática de exposição. Esse movimento é uma resposta moral à visibilidade de seus desejos que, ligados à carne e ao erótico, ainda carregam consigo resíduos de preconceito mesmo dentro da “comunidade”, como denominaram os entrevistados Vitor e Denis. Acreditamos que a frase que resumiria esses trechos seria algo como: “Você pode ver quem eu sou, mas não pode saber quem eu sou”. Ou seja, a busca por sexo acaba habitando uma zona de poucas palavras, troca de informações controladas. Uma zona de contínua tensão onde os rituais racionalizam o prazer. As socialidades (MARTÍN-BARBERO, 2009) envolvidas nesse processo vão sendo aprendidas pelos usuários, que evocam elementos precisos em sua representação (no perfil e nas interações) diferentes ao longo do tempo que “habitam” o aplicativo.

As mudanças que foram acontecendo na construção dos perfis desses usuários durante o período em que eles utilizam o *Grindr* referem-se especialmente às suas experiências na plataforma e a autoaceitação dos seus corpos negros e das suas sexualidades, um processo que pode ser considerado uma espécie de “amadurecimento”. Ou seja, a elaboração de uma autoestima em relação aos seus corpos que celebre a sua existência se dá *pari passu* a narrativa de seus desejos no aplicativo. Nesse instante, o desejo torna-se político, pois é através da afirmação quase pleonástica de suas negritudes (foto e descrição étnica), que esses sujeitos se inserem na rede de prazeres. Em meio aos corpos “padrões”,

conforme narrado pelos entrevistados, seus corpos negros adquirem outro sentido: tornam-se combativos e propositivos. Este processo, logicamente, não é fácil e não ocorre do dia para a noite. A consciência do que seus corpos, no *Grindr*, representa, atravessa vivências ao longo de suas trajetórias de vida que forjam um entendimento específico sobre o lugar daqueles corpos negros na sociedade em que habitam. A virada de compreensão demanda uma ruptura nas dinâmicas de socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2009) e uma tomada de atitude que se dá mediante o enfrentamento das lógicas racistas entranhadas na sociedade em geral e no próprio aplicativo. Para Diogo, por exemplo, essas mudanças foram sendo feitas nas suas fotos, logo depois nos campos de peso e altura, isso porque ele foi entendendo o tipo de fotos que as pessoas gostavam mais e os assuntos que atraíam a atenção de outros usuários no aplicativo.

Para Maurício, as mudanças nas fotos vieram com a sua autoaceitação enquanto homem gay, e outra mudança importante foi referente a sua *etnia*, informação a qual ele não se atentava. Davi também passou a mostrar o seu rosto depois que se mudou de cidade - e conseqüentemente passou a aceitar a sua sexualidade -, e a exibir o seu corpo porque queria se sentir desejado pelos demais usuários. Essa última motivação, de sentir-se desejado, também é exposta por Vitor, Denis e Juan. Jorge fez o caminho inverso: ele possuía muitas fotos semi-nu quando mais novo e com o tempo, adotou uma posição mais reservada. Fernando e Denis, por mais que tenham apenas fotos de rosto, consideram que escolhem as fotos com as quais se identificam baseando-se no critério de se sentirem atraentes para os outros usuários. Esse último, como já mencionado, também apontou mudanças referentes ao seu nome, por motivos políticos e ideológicos.

Referente a essas mudanças, Hall (2019) defende que a identidade se modifica a partir da forma como o sujeito é questionado ou representado, sendo a identificação ganhada ou perdida. No caso de Maurício, Davi e Denis, a identidade passou por um procedimento que Hall (2019) chama de politização, enquanto que para Diogo, Vitor, Juan, Jorge e Fernando, observamos que essas mudanças passaram pelo processo de classificação citado por Miskolci (2017), mediado por agências sexuais e moldadas pelas interações sociais desses entrevistados na plataforma.

Quanto ao *sobre mim*, três dos entrevistados falam sobre fotos nesse campo. Maurício por exemplo, acrescenta que não troca *nudes*. Vitor não tem nada preenchido por

não se considerar uma pessoa criativa para criar textos e frases sobre si. Se observarmos os demais perfis, é possível vermos que as táticas adotadas não são criativas e sim objetivas, com exceção de Denis, que possui a frase de uma música e os seus livros preferidos nesse campo, com o intuito de mostrar-se aberto a conversas via suas práticas de consumo cultural. Fernando deixa claro que não procura relacionamentos amorosos, a mesma coisa com Jorge, que ainda inclui o seu *WhatsApp* para deixar as suas preferências mais assertivas. Essa tática de caráter mais objetivo também pode ser observada no perfil de Juan, que inclui o “tipo” de parceiros que o atrai. Essa tática de objetividade dos entrevistados na apropriação do *sobre mim* para a obtenção de uma assertividade maior frente aos seus parceiros sexuais, pode ser explicada por Barker (2014) ao considerarmos as identidades como discursivas-performativas. Elas são descritas como práticas discursivas que produzem aquilo que é nomeado através da reiteração de normas ou convenções. Ou seja, se você é objetivo, você ganha mais parceiros de acordo com as convenções da plataforma. A mediação da socialidade de Martín-Barbero (2009) também assume um papel importante na compreensão deste tópico, visto que é através dos modos e usos coletivos da comunicação que esses sujeitos se fazem inteligíveis frente as suas agências sexuais.

Todos eles possuem informações referentes a *peso*, *porte físico* e *altura*. Esse tipo de informação é utilizada como tática para os mais diversos objetivos: para Diogo e Fernando, é um sinal de objetividade, evitando perguntas sobre algo que já está respondido; Maurício, Davi, Jorge e Juan colocam por buscar essas informações em outros parceiros⁹¹; Vitor aponta que essa informação é relevante para os outros usuários da plataforma, assim como Denis. Aqui há mais uma contradição: em determinados momentos, alguns dos entrevistados disseram que não consideram essas informações importantes quando vão se relacionar com alguém. Todavia, também apontaram que buscam por perfis que tenham corpos parecidos com os seus, ou seja, essas informações acabam tornando-se relevantes na hora de buscar parceiros. Os entrevistados também identificam um padrão de corpo que é hegemônico e o mais desejado no *Grindr*: branco e sarado. Observamos aqui a construção social do desejo pautada por Miskolci (2017), pois o “padrão” de corpo difundido culturalmente como “belo”

⁹¹ É comum na plataforma perfis que tenham no *sobre mim* frases como “Busco somente semelhantes”. Isso significa que esses usuários tendem a interagir apenas com aqueles que possuem o porte físico parecido com o seu próprio.

e “atrativo” é apresentado como o mais cobiçado pelos demais. A agência sexual dos entrevistados, ou seja, a busca por parceiros sexuais com base nos campos observados nos outros perfis, também corresponde à construção social do desejo (MISKOLCI, 2017), que nesse caso é negociado a partir da representação, ou seja, do significado do corpo para esses entrevistados através das descrições.

Para sete dos oito entrevistados, o preenchimento do campo *etnia* significa orgulho e afirmação das suas identidades enquanto homens negros, e desses sete, todos disseram já ter sofrido e/ou presenciado ataques racistas no aplicativo. Essa afirmação da negritude para Maurício, Davi, Vitor, Denis e Jorge são frutos de agressões racistas já sofridas na plataforma, todas por homens brancos. É relevante analisarmos que nesses casos as agressões se deram quando homens negros rejeitaram homens brancos: na ocasião, esses homens brancos bloquearam os perfis dos entrevistados logo após as agressões, impossibilitando qualquer tipo de resposta ou denúncia⁹². No caso de Maurício e Fernando, quando eles foram tentar conversar com possíveis parceiros sexuais brancos, foram rejeitados por serem negros. Ou seja, embora não seja o foco deste trabalho, também podemos falar em táticas racistas que interrompem a presença do homem negro no aplicativo através da ferramenta de “bloquear”.

De acordo com Munanga (2012), a negritude é uma reação racial negra a uma agressão racial branca e deve ser entendida através da aproximação com as consequências e as causas do racismo. Falando especificamente desses sete entrevistados e das suas táticas no *Grindr*, a afirmação da negritude nos seus perfis também é uma reação a essas violências racistas cotidianas que se estendem e ganham outra dimensão no próprio *Grindr*. Ao analisarmos as situações em que alguns dos entrevistados foram rejeitados por homens brancos por serem negros, também identificamos a ocupação do topo da pirâmide social por brancos, conforme apontado por Munanga (2012). Portanto, o que compreendemos é que enquanto a sexualidade e a busca por prazeres une esses homens na “comunidade”, a presença da raça - do corpo negro, corpo dissidente e abjeto - esvazia qualquer potência política que o homem branco pode imaginar que exista ao assumir os seus desejos em um

⁹² A plataforma oferece aos seus usuários a opção de denunciar perfis por atividades ilegais (venda e promoção de drogas, tráfico, etc.), spam, abuso ou bullying (ameaças de comportamento abusivo, ameaças de violência, etc.), discursos de ódio/discriminação, nudez ou pornografia, menor de idade e fraude.

aplicativo como o *Grindr*. De nada serve a celebração de uma “revolução sexual 2.0” se ela tem peso, porte físico, altura e cor marcados. A interseccionalidade, enquanto ferramenta teórico-analítica (LIBARDI, 2019), serve para observarmos essas tensões entre raça e sexualidade: enquanto a sexualidade é teoricamente bem-vinda, o preconceito racial que habita a comunidade gay se atravessa reduzindo o terreno do desejo. Ainda em uma perspectiva interseccional, podemos afirmar que nem todo o corpo negro é objeto de recusa. Observamos que quando a sua fetichização encontra correspondência no sujeito deste corpo, o desejo por este homem negro se mantém inabalável. Como quando, por exemplo, as expectativas em relação ao tamanho avantajado do pênis ou à preferência por ser ativo/dominador ou passivo/submisso são correspondidas. Este complexo emaranhado de desejos racializados via um discurso essencialmente racista é, para a maioria dos entrevistados, algo com o qual eles sabem que devem negociar, conforme ilustrado a seguir.

Diogo é o último a ser comentado nesse quesito, pois destoa dos demais entrevistados: ele acredita que preencher o campo da *etnia* pode atrair mais parceiros sexuais, que consideram a sua cor bonita. Maurício e Davi também destacaram “experiências positivas” relacionadas ao uso da *etnia* no aplicativo, por perceberem que recebem elogios de homens brancos relacionados à beleza das suas cores. Juan recebe comentários como “você é um negro diferente”, justamente por ele ser músico e demonstrar possuir uma espécie de capital cultural, porém ele considera esse discurso uma agressão racista, pois isso mostra que, se ele é um negro diferente, para essas pessoas os demais negros seriam intelectualmente inferiores.

No caso de Diogo, conforme apontado por Fanon (2008), Bennet et. al. (2005) e Gordon (2008), através da sua tática houve uma epidermização da branquitude, o que significa dizermos que “o ser negro” para ele passou a ser cumprir os propósitos da “raça branca”, ou seja, corresponder a agência do desejo fetichizado construído pelos brancos para os negros. Essas “experiências positivas” com brancos frente à negritude também podem corresponder a essa agência do desejo fetichizado, pois a partir do momento em que “ser negro” significa “ser mais desejado”.

No caso exposto por Juan, é ainda mais evidente a manutenção da crença de que os negros são inferiores aos brancos, como exposto por Fanon (2008). E a visão do entrevistado frente à essa agressão, demonstra a construção de uma solidariedade entre as vítimas, que

Diogo não perceba esse desejo fetichizado sobre o seu corpo negro, os comentários redigidos a ele não destoam dos outros entrevistados. Aqui há um ponto relevante de análise: Fernando apontou que percebe uma pressão diferente. Para ele, é esperado que homens gays negros sejam submissos, enquanto os homens brancos assumem papel de dominadores no ato sexual. A experiência do entrevistado se apresenta como um ponto fora da curva porque a condição de “ativo” inerente ao homem negro pressupõe o ritual da dominação. Ao fetichizar o negro como ativo, o branco se coloca automaticamente na condição de subordinado, invertendo a lógica histórica da dominação entre negros e brancos. O relato de Fernando aponta para a possibilidade de, também na prática sexual, o branco fetichizar e exercer o papel de dominador, o que pode ser um desejo igualmente ou tão racializado quanto na outra relação. Nesse sentido, através da apropriação do conceito de agência sexual de Miskolci (2019), podemos concluir que o desejo fetichizado sendo socialmente construído, é por si só uma agressão racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi compreender como os usuários gays negros do *Grindr* em Porto Alegre constroem os seus perfis na plataforma. O que descobrimos aqui é que as mudanças de uma plataforma para outra impactam completamente a forma como esses usuários constroem os seus perfis e que os modos de socialidade se diferenciam de acordo com os tipos de usos proporcionados. Em caráter diacrônico, é possível observarmos que os usos do *Grindr* foram tornando-se gradativamente mais táticos através das suas necessidades, mediadas pela agência sexual do desejo. Por conseguinte, podemos entender esses perfis como um *continuum* de suas identidades vividas no “mundo real”. A moralidade e o autojulgamento encontram-se presentes quanto ao uso da plataforma, pois há um conhecimento tido como senso comum sobre o papel dela frente às outras, sendo possível que tenhamos versões distintas das suas identidades. É através de um trabalho tático que os usuários fragmentam suas identidades nas variadas mídias.

As fotos mostraram-se uma tática de comunicabilidade crucial para a construção desses perfis. É através delas que esses homens atrelam a representação simbólica das suas identidades ao desejo. O que identificamos na relação entre as fotos de rosto, corpo e o nome desses, é uma incessante regulação tática de exposição. Nesse sentido, a procura por sexo acaba residindo em uma zona de poucas palavras e trocas de informações controladas.

As mudanças que foram ocorrendo nesses perfis durante os períodos de uso demonstram movimentações de politização referentes às suas identidades negras e sexuais, mas também apontam processos de classificações, mediadas por agências sexuais do desejo e moldadas pelas interações desses na plataforma. Os entrevistados também se apropriam de táticas de objetividade para a obtenção de uma assertividade maior frente aos seus parceiros sexuais, visto que essas práticas discursivas produzem aquilo que é nomeado através da reiteração de normas ou convenções. A agência sexual dos entrevistados corresponde a um desejo, que aqui é negociado a partir da representação e do significado do corpo para eles através das descrições. Também identificamos por esses usuários um padrão de corpo que é hegemônico e o mais desejado no *Grindr*: branco e sarado.

Referente aos objetivos específicos, identificamos que o preenchimento do campo *etnia* ultrapassa o status de agência sexual mediado pela plataforma. Aqui a negritude

mostra-se como uma reação contra violências racistas cotidianas que se estendem e ganham outra dimensão no *Grindr*. Conseqüentemente, o que compreendemos é que enquanto a sexualidade e a busca por prazeres une esses homens na “comunidade”, a presença da raça esvazia qualquer potência política que o homem branco pode pensar que exista ao assumir os seus desejos em um aplicativo como o *Grindr*. Partindo de uma perspectiva interseccional, podemos afirmar que nem todo corpo negro é objeto de recusa e este complexo enredado de desejos racializados através de um discurso essencialmente racista é algo com o qual esses usuários negociam. Essas negociações envolvem desde a abdicação do que gera prazer, até a construção de uma solidariedade a essas vítimas.

Se, por um lado, a experiência dos entrevistados como usuários negros dizem respeito principalmente ao desejo fetichizado dos seus corpos no aplicativo e pelo fato deles não se sentirem como “iguais” perante os homens brancos dentro da comunidade gay, por outro, as táticas de comunicabilidade presente nos perfis servem para que eles negociem cotidianamente com essa “comunidade” frente às agressões racistas às quais são submetidos. Isso se dá através do *sobre mim*, do campo do nome ou mostrando os seus corpos. Visto que naquele ambiente todos estão suscetíveis a essas agências, o que concluímos com essa pesquisa é que sendo o desejo socialmente construído, no âmbito do *Grindr*, ele é racializado.

Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, com limitação de tempo, não conseguimos aprofundar essas relações. Acredito que fazer as entrevistas presencialmente com cada um deles tenha sido primordial para o sucesso da investigação, principalmente por conta da identificação desses usuários comigo. Ademais, muitas das perguntas feitas esses entrevistados nunca tinham respondido para um outro indivíduo, isso fez com que muitas respostas fossem dadas sem nenhum tipo de filtro ou pudor.

Quanto aos limites metodológicos encontrados durante a pesquisa, enfatizamos o quanto foi desafiador encontrar estudos acadêmicos voltados especificamente para o homem negro, mais ainda considerando as especificidades dos marcadores de raça e sexualidade. Poucos também eram os estudos que se dedicavam ao ambiente digital das redes de relacionamento gay. Além disso, ter construído o referencial teórico antes da realização das entrevistas também trouxe desafios, visto que consideramos essencial incorporar alguns outros autores e conceitos *a posteriori* a fim de dar conta do que emergiu da pesquisa de campo, como as discussões sobre “tática” e “desejo”. Salientamos que mesmo que esses

homens negros tenham sido entrevistados por outro homem negro, reconhecemos que uma hora foi pouco tempo para que conversássemos sobre assuntos tão complexos e íntimos como os que foram tratados aqui.

Construir o perfil como pesquisador no *Grindr* foi desafiador e interessante, ao mesmo tempo. Desafiador porque o ambiente não é hegemonicamente “propício” para perfis que não tenham interesse em manter relacionamentos sexuais com os usuários, interessante pois a receptividade do perfil foi além das expectativas. Logo que a conta como pesquisador foi criada, muitos eram os usuários que queriam participar da pesquisa e que questionavam a respeito de formulários, ou das informações possíveis que poderíamos necessitar para dar continuidade à investigação. Entretanto, eu não recebi nenhum tipo de comentário de homens negros manifestando interesse: todos os entrevistados foram abordados com o discurso de apresentação da pesquisa. Eu respondia a todos os interessados brancos que estava buscando um recorte racial específico e agradecia pelo contato.

Busquei interagir e responder grande parte dos perfis que me encaminharam mensagens, pois muitas eram as dúvidas relacionadas à veracidade da minha investigação no ambiente. Claro que não foram poucas as vezes que logo que abri algumas mensagens, elas eram fotos de homens nus. Esses perfis eram ignorados. Em alguns momentos como esses, eu cheguei a me sentir “desrespeitado” de certa forma, pois busquei deixar explícito que o meu interesse ali era estritamente científico, conforme visualizado na Figura 4.

Em relação ao *Grindr*, é evidente que esse se mostrou excludente em diversos momentos dessa pesquisa. A possibilidade de filtros por *etnia*, por exemplo, demonstra o quanto a plataforma contribui para a manutenção desse tipo de desejo racializado. O anonimato dado aos usuários, por conseguinte, não só torna a plataforma cúmplice, mas faz com que seja cada vez mais complicado a localização desses perfis racistas, visto que logo após essas agressões, simplesmente bloquear negros mostra-se a solução mais eficaz para esses homens brancos saírem impunes. Ao *Grindr*, fica o desafio de permitir a vítima a possibilidade de denunciar esses tipos de agressões mesmo após o bloqueio.

Para o campo da comunicação, acreditamos que a contribuição desse trabalho se deu principalmente na sua proposta interseccional de análise das construções da identidade em um ambiente digital até então pouco explorado. Pensar nas táticas de comunicabilidade aqui apresentadas é não só analisar a especificidade de cada marcador social frente às situações do

cotidiano, mas também pensar o papel da comunicação na manutenção e na disrupção das agências sexuais que perpetuam o racismo. Como Martín-Barbero (2009) diz, a comunicação é um campo essencial de batalha política. Em nosso trabalho, identificamos como a negritude se apresenta como uma “arma de combate”, nas palavras de Munanga (2009), para a politização do desejo racializado via táticas de comunicabilidade no *Grindr*.

Por se tratar de um estudo exploratório e de um trabalho de conclusão de curso realizado em um curto período de tempo, muitos dos dados coletados ficaram de fora da versão final aqui apresentada. Como, por exemplo, as discussões que envolvem o HIV, referências de perfis considerados “ideais” para esses entrevistados e a forma como esses acreditam ser vistos pelos outros usuários da plataforma. Outros dados também podem ser investigados futuramente por outros pesquisadores, tais como: a cena de reconhecimento e interpelação na construção da identidade; a exploração de novas experiências sexuais proporcionada pela “descrição” da plataforma; as contribuições da antropologia urbana para compreender as dinâmicas de socialidade em aplicativos de relacionamento de geolocalização; a forma como cada rede social aqui apresentada dá acesso a um ângulo diferente do estilo/identidade de vida desses indivíduos e, também, acerca das táticas de racismo adotadas por alguns usuários na plataforma.

E para a comunidade LGBTQ+ fica a minha mais profunda indagação frente ao paradoxo aqui exposto: o respeito e a igualdade tão amplamente requisitada é excludente com corpos negros. Até quando o povo preto terá que negociar taticamente a aceitação na comunidade frente agressões racistas cotidianas?

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, N.; HILL, S; Turner, B. S. **Dictionary of sociology**. London: Penguin Books, 1994.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade: Feminismos plurais**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- ALENCAR, V. L. O. **Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte**. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- ALMEIDA, H. B. ; SIMÕES, J. A.; MOUTINHO, L.; SCHWARCZ, Lília M. Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In: SAGGESE, G. S. R. [et al.] (orgs.). **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.
- ALMEIDA, I. D. de. **A construção da imagem do homem negro na publicidade: marcas da senzala na contemporaneidade**. *RevLet*, v. 8, n. 2, p. 152-170, 2016.
- ARIÈS, P.; Béjin A., org. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, R. M.; CECCARELLI, P. R.; LOBO, W. L. O Negro e a Mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais. In: LEMOS, F. C. S. (orgs). **Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos da educação, saúde e direitos – volume 7**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2017.
- BARKER, C. **The SAGE Dictionary of Cultural Studies**. London: Sage Publications, 2004.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2017.
- BENNETT, T.; GROSSBERG, L.; MORRIS, M. **New Keywords: A Revised Vocabulary of Culture and Society**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- BIANCHI, E. **Interação e mediação comunicacional: redes geossociais e os caminhos locativos de visualidades gays**. 2017. 284 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CASTRO, L.; SCHMITZ D. Pesquisas sobre publicidade e propaganda de 2010 a 2015: Breve panorama do cenário brasileiro. In: Intercom Região Sul, Caxias do Sul, 2017. **Anais**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2017.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

COUTO, E. S.; SOUZA, J. D. F.; NASCIMENTO, S. Grindr e Scruff : amor e sexo na cibercultura. In: SIMSOCIAL, Salvador, 2013. **Anais**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

DANTAS, C.; FLORENCIO A. Racismo institucional midiático - A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. **Anais**. Joinville: Universidade da Região de Joinville, 2018.

DAVI. **Entrevista III**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

DENIS. **Entrevista V**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min.).

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DIOGO. **Entrevista I**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. In: JOHNSON, R; ESCOSTEGUY, A. C.; SCHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDO. **Entrevista VI**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (34 min.).

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 79, 2002.

FOCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI JÚNIOR, L. De mediações em mediações: a questão da tecnicidade em Martín-Barbero. *MATRIZES*, v. 12, n. 1, p. 155-172, 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

IRIBURE, A. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**. Porto

Alegre, 2008. 309p. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JACKS, N.; JOHN, V.; PIEDRAS, E.; PIENIZ, M. Um cenário em intensas mudança: 2010 a 2015. In: JACKS, N. (org.). **Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

JACKS, N.; SCHMITZ D. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. *MATRIZES*, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018.

JOHNSON, T. **Pesquisa social mediada por computador**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

JORGE. **Entrevista VII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

JUAN. **Entrevista VIII**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

LIBARDI, G. B. Panorama dos estudos sobre Interseccionalidade no Brasil (2008 – 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. In: Encontro Anual da Compós, 28, Porto Alegre, 2019. **Anais**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, s.d., p. 1-24.

LIBARDI, G. B.; PIEDRAS E. R. O funk como trabalho, lazer e inspiração: uma mirada sobre a produção da MC Helenzinha e o consumo de funkeiras de Porto Alegre. *Eco Pós*, v. 20, n. 3, p. 309-330, 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.

_____. Uma aventura epistemológica (entrevista à Maria Immacolata Vassalo de Lopes). *MATRIZES*, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009a.

MATTELART, A.; NEVEU E. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MAURÍCIO. **Entrevista II**. [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

MEDEIROS, E. S. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo Grindr**. Belo Horizonte, 2018. 157p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais.

MENDONÇA, F. C. **A homoafetividade na publicidade: um estudo de recepção**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2012.

_____. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** São Paulo: Autêntica, 2017.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

_____. **Negritude: usos e sentidos.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Minas gerais, 2003. Disponível em: <www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>, Acesso em: 23 jul. 2015.

PIENIZ, M. Tecnicidade como mediação empírica: o trânsito das audiências a partir do Twitter. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23, Belém, 2014. **Anais.** Belém: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, s.d. p.1-17.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECUERO, R. O que é Mídia Social?. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html>. Acesso em 15 de nov. 2019.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTOS, G. A. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp, 2002.

SILVA, F. C. de O. A construção de identidades negras em meio a padrões brancos de beleza. *Discursos Contemporâneos Em Estudo*, v.1, n. 1, p. 125-141, 2011.

SILVA, F. N. da. **Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida.** Porto Alegre, 2015. 226p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TURKLE, S. **La vida en la pantalla:** La construcción de la identidad en la era de Internet. Barcelona: Paidós, 1997.

ULLMANN, R. A. **Antropologia:** o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

VITOR. **Entrevista IV.** [set. 2019]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. org. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOTTRICH, L.; SILVA, R. C. da; RONSINI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009, Curitiba, PR. Anais eletrônicos XXXII Intercom. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.

YAMAOKA, E. J. O uso da internet. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.